

# SXSW INSIGHTS 2025

CURADORIA & CONTEÚDO

**GoAd**  
MEDIA

OFERECIMENTO



# nossa curadoria

O projeto **SXSW Insights 2025** foi desenvolvido a partir da curadoria dos jornalistas e pesquisadores da **GoAd Media** no *South by Southwest*, realizado entre 7 e 15 de março, em Austin (Texas, EUA).

Palestras, debates, entrevistas e *social listening* alimentaram a construção das análises que compõem este relatório, que traz temas, ideias, nomes e movimentos exponenciados pelo evento.

Esta curadoria tem oferecimento do **UOL** e apoio da **Associação Brasileira de Anunciantes (ABA)** e conta, ainda, com os formatos webinar e palestra in company.

# sumário

## **APRESENTAÇÃO** 4

ENTRE O ARRANHA-CÉU E O CHAPÉU 6

## **CONTEXTO MACROTEMÁTICO** 9

TECNOPOLÍTICA E NOVOS MODELOS PARA  
A INTERNET 10

ERA DA INCERTEZA E DA ADAPTAÇÃO 13

PARADOXO DA SOLIDÃO CONECTADA 16

SAÚDE SOCIAL E POTÊNCIA DAS  
COMUNIDADES 19

## **TEMA TRANSVERSAL** 22

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL 23

## **TEMA EMERGENTE** 48

COMPUTAÇÃO QUÂNTICA 49

## **EIXOS TEMÁTICOS** 57

ENERGIA E CLIMA 58

SAÚDE E MEDTECH 66

CIDADES E MOBILIDADE 76

GOVERNO E ENGAJAMENTO CÍVICO 88

TRABALHO 97

REALIDADE ESTENDIDA 105

CREATOR ECONOMY 115

JORNALISMO 121

## **INNOVATION AWARDS** 127

PROJETOS E STARTUPS MAIS INOVADORES  
DO ANO 128

## **REFLEXÕES E PROVOCAÇÕES** 134

5 PERGUNTAS ESSENCIAIS PARA SE FAZER  
APÓS O FESTIVAL 135

# APRESENTAÇÃO

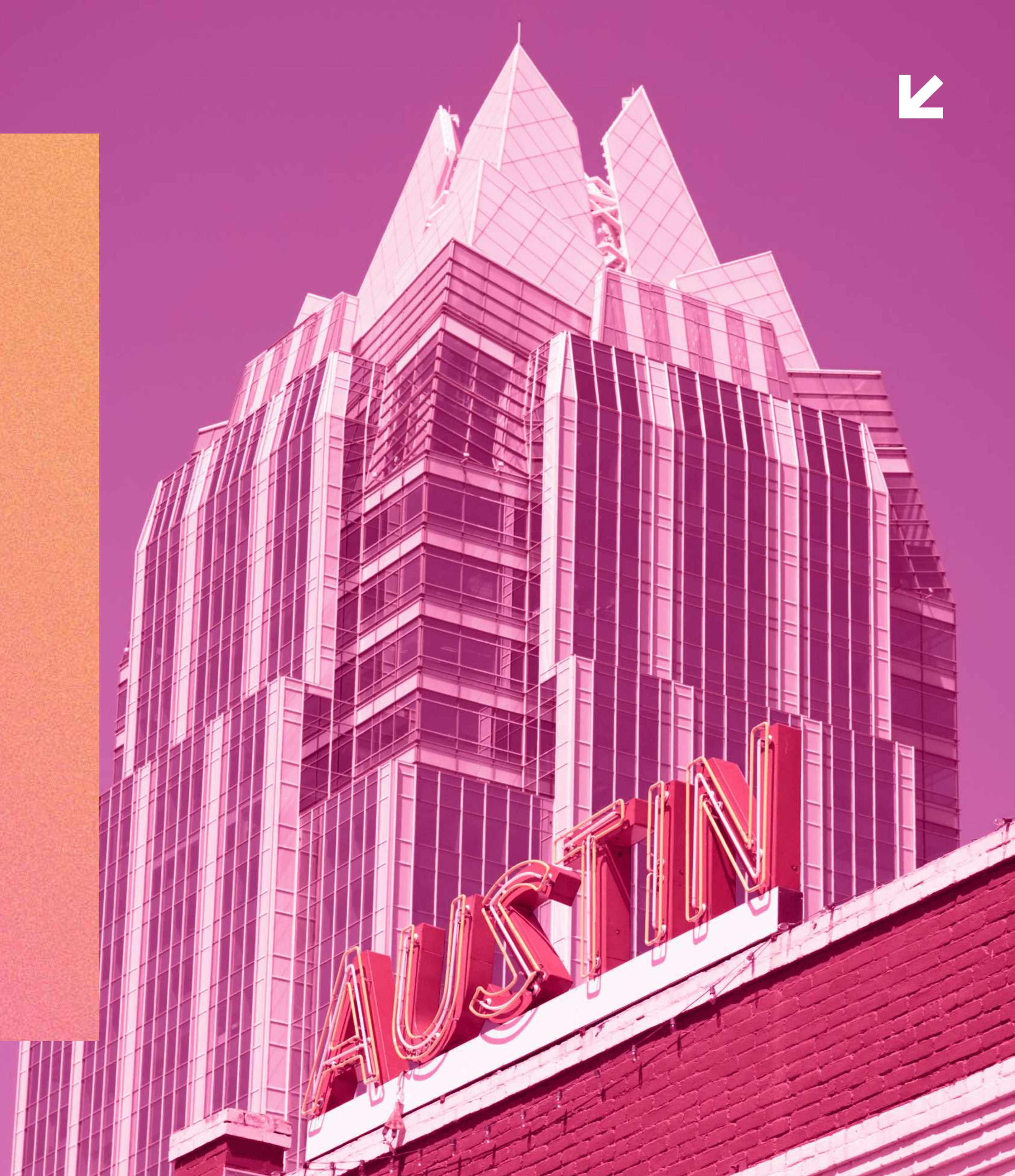




Aos 39 anos, o *South by Southwest* passa por um momento de inflexão e transformação. Desde 2021, o festival faz parte do Penske Media, que comprou 50% do capital do evento mirando lucro, e não apenas provocações sobre o presente e o futuro do mundo. Já a cidade de Austin, sede do evento, também passa por mudanças. Casas históricas dão lugar a prédios com mais de 60 andares; as margens do rio e do lago que dividem a cidade estão virando um amplo e urbanizado parque horizontal; o Austin Convention Center, que abarca parte da conferência, começa a ser demolido para dar lugar a outro espaço, maior e mais moderno; e os preços de tudo sobem nas alturas.

# ENTRE O ARRANHA-CÉU E O CHAPÉU

Ao longo de quatro décadas, o festival viu Austin e a economia criativa saírem do *underground* para o *mainstream*, e ele foi junto. Com as mudanças, há ganhos e perdas, e não faltam críticas à transformação. A maior delas veio do teórico de mídia e pesquisador Douglas Rushkoff, que evocou os participantes do SXSW a voltar a valorizar o que é esquisito – numa alusão à expressão “*Keep Austin Weird*” (mantenha Austin esquisita), conquistada justamente por esta cidade ser uma exceção no conservador e republicano estado do Texas.





Em um mundo em que a tecnologia nos empurra para a média estatística, tornando nossas experiências mais previsíveis e homogêneas, a inovação precisa abraçar o que nos torna únicos. A imperfeição e a experimentação são ferramentas essenciais para resistir à padronização tecnológica e estimular a criatividade. O SXSW e Austin ganharam fama por sua contracultura criativa e já foram celeiros de ideias improváveis. Para Rushkoff, resgatar essa essência significa abraçar o imperfeito, o inacabado e o imprevisível. “O que eu quero fazer é convidar para tornar o digital esquisito novamente, como uma nova iteração da internet, enquanto ainda podemos fazer isso. Quero começar agora, com uma pivotagem pública, do que é provável de volta ao que é possível, da exploração utilitária dos humanos à amplificação da expressão e da conexão entre as pessoas”, reforçou.



Entre os prédios do centro de Austin e as pistas de *country music* dos arredores da cidade, há o resto do mundo com suas infinitas e diversas particularidades regionais. O SXSW pode até servir de inspiração para mudanças e provocações. Mas é importante olhar para o lugar certo, entender o comportamento humano a partir de perspectivas culturais e locais e cruzar os incríveis aprendizados dos palcos com as múltiplas demandas das ruas. Os *austinites* (quem nasce em Austin) sabem fazer isso muito bem. Eles começam a se mudar para os arranha-céus, mas sem renunciar aos chapéus.





# CONTEXTO MACROTEMÁTICO





# TECNOPOLÍTICA E NOVOS MODELOS PARA A INTERNET

A atual conjuntura política, econômica e tecnológica dos Estados Unidos influenciou as discussões em Austin. Seja por medo de retaliação ou até mesmo por alinhamento ao governo Trump/Musk, as críticas à entrada das plataformas *tech* no jogo político estadunidense foram pontuais. Não houve praticamente nenhuma menção às mudanças impostas pelas plataformas neste ano, como o fim das equipes de moderação e checagem de fatos. Uma exceção foi o pesquisador e *podcaster* Scott Galloway, da New York University, que afirmou que os líderes das grandes empresas de tecnologia fazem parte de um “dominó da covardia”.



**JAY GRABER**

CEO DA BLUESKY

Nesse contexto, painéis discutiram novos modelos menos controlados e enviesados para o futuro da internet. Entre eles, o BlueSky propõe uma transformação nas redes sociais ao adotar um protocolo descentralizado e de código aberto, permitindo que a comunidade participe ativamente do desenvolvimento da plataforma. De modo distinto das redes tradicionais, nas quais uma única empresa controla a experiência do usuário, o BlueSky dá autonomia para que desenvolvedores e usuários personalizem *feeds*, criem seus próprios serviços de moderação e até desenvolvam aplicativos alternativos conectados ao mesmo ecossistema. “O objetivo é focar na liberdade de escolha do usuário e na autonomia do desenvolvedor, para que os usuários tenham opções sobre o que veem e com o que interagem, e os desenvolvedores possam realmente criar sem que nós os atrapalhemos”, explica Jay Graber, CEO da empresa.



Esse modelo democratiza a experiência digital, permitindo que a inovação venha diretamente da comunidade, sem que uma única entidade tenha poder absoluto sobre o funcionamento da rede. Até mesmo empresas podem colaborar, oferecendo filtros algorítmicos especializados. Um veículo jornalístico, por exemplo, poderia criar um algoritmo para consumo de notícias de determinada região, garantindo mais relevância e diversidade na experiência informativa.

No palco do SXSW, Graber usou uma camiseta que fazia referência a uma usada no ano anterior por Mark Zuckerberg, que trazia a frase em latim “ou um Zuck ou nada”, em alusão à máxima “ou um César ou nada”. Já a camiseta da executiva, do mesmo estilo e cor, exibia também em latim a mensagem “um mundo sem Césares”.

“FOCAMOS NA LIBERDADE DE ESCOLHA DO  
USUÁRIO E NA AUTONOMIA DO  
DESENVOLVEDOR, PARA QUE AS PESSOAS  
TENHAM OPÇÕES SOBRE O QUE VEEM E COM  
O QUE INTERAGEM, E OS DESENVOLVEDORES  
POSSAM CRIAR SEM QUE NÓS OS  
ATRAPALHEMOS.”

**JAY GRABER**

CEO DA BLUESKY



# ERA DA INCERTEZA E DA ADAPTAÇÃO

Cenário político turbulento; pressão por adaptação a um contexto econômico e tecnológico em acelerada transformação; e falta de conhecimento sobre o impacto de novas tecnologias nos negócios: tudo isso consolida uma era em que a mudança e a incerteza são as únicas constantes, como destaca a escritora Maggie Jackson, autora de *Uncertain: The Wisdom and Wonder of Being Unsure*. Na mesma linha, Dan Helfrich, consultor-chefe da Deloitte nos Estados Unidos, aponta que a capacidade de navegar entre disciplinas, combinando conhecimentos distintos, é hoje o diferencial mais valioso para o futuro.



Nesse sentido, a ordem do dia é dissolver fronteiras entre áreas do conhecimento para criar soluções que nenhuma disciplina isolada conseguiria alcançar, como bem analisa a brasileira Gabriela Bilá, pesquisadora do MIT Media Lab. No instituto, os limites entre campos do conhecimento se dissolvem: arquitetos pensam como cientistas, artistas pensam como engenheiros e cientistas pensam como músicos. O que fica latente é que essa habilidade de conectar diferentes campos de saber se tornará essencial à medida que a inteligência artificial (IA) acelerar a obsolescência de competências técnicas específicas.

Afinal, como aponta o estudioso Ian Beacraft, CEO da Signal & Cipher, o tempo de vida útil de uma habilidade técnica (*hard skill*) caiu de décadas para poucos meses. Nesse panorama, a vantagem competitiva não está em um conhecimento fixo, mas na capacidade de aprender, desaprender e reaprender constantemente. Para o estudioso, a adaptabilidade será o maior ativo do futuro. “A perspectiva de que você tem uma função específica e nada mais acabou. A ideia é sair dos limites estabelecidos. É como criar um segundo cérebro”, afirma.



**IAN BEACRAFT**

CEO DA SIGNAL & CIPHER



“A PERSPECTIVA DE QUE VOCÊ TEM UMA FUNÇÃO ESPECÍFICA E NADA MAIS ACABOU. A IDEIA É SAIR DOS LIMITES ESTABELECIDOS. É COMO CRIAR UM SEGUNDO CÉREBRO.”

**IAN BEACRAFT**

CEO DA SIGNAL & CIPHER

Em um mundo cada vez mais dominado pela automação, quem se prende a uma única habilidade pode ser substituído por máquinas mais eficientes. Porém, quem cultiva a adaptabilidade consegue navegar pelas mudanças, criando conexões inesperadas e explorando novos caminhos. Esse tipo de pensamento cria o que o executivo Mike Bechtel, diretor e futurista-chefe da Deloitte, chama de “escadas” para escapar da “inundação tecnológica”.

Em vez de sermos “afogados” por inovações aceleradas, ampliamos nossa base de conhecimento para navegar melhor nesse cenário. Isso não significa rejeitar a tecnologia, mas, sim, cultivar uma mentalidade aberta ao novo e às conexões improváveis. No fim das contas, a maior segurança para o futuro não será dominar uma habilidade específica, mas desenvolver a flexibilidade para mudar, crescer e conectar diferentes áreas do conhecimento.



# PARADOXO DA SOLIDÃO CONECTADA

A pressão por adaptação a um mundo em acelerada transformação e o excesso de hiperconectividade fazem emergir uma epidemia de solidão, na avaliação de diferentes pesquisadores, autores e palestrantes que se apresentaram no SXSW. Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) apontam que 24% das pessoas do mundo se sentem sozinhas; 20% não têm para quem pedir ajuda se precisar; e 40 horas é o tempo médio de interação social que perdemos nos últimos 20 anos.





O cenário não é totalmente novo e já foi alvo de muitas sessões em edições anteriores do evento, mas ganhou contornos dramáticos este ano. Para a autora e psicanalista Esther Perel, estamos na era da intimidade artificial, que faz com que, mesmo que estejamos presentes fisicamente diante de outra pessoa, nos mostremos ausentes em razão da conexão ininterrupta com interfaces digitais.

De acordo com o pesquisador Scott Galloway, essa crise da falta de conexão é particularmente alarmante entre homens jovens. Ele aponta que esse grupo está cada vez mais isolado, afastando-se do trabalho, da educação e dos relacionamentos e substituindo interações reais por simulacros digitais, como fóruns online, jogos, pornografia e até namoradas virtuais baseadas em IA. O impacto dessa solidão extrema não é apenas individual: homens desconectados tornam-se mais suscetíveis à radicalização, ao consumo de teorias conspiratórias e a comportamentos violentos e destrutivos, além de apresentarem taxas mais altas de vícios, depressão e suicídio.

**MICHELLE OBAMA**

EX-PRIMEIRA-DAMA DOS EUA



No encerramento do SXSW, a agenda ganhou ainda mais peso com a presença da ex-primeira-dama dos EUA Michelle Obama, que, ao lado do irmão e técnico de basquete Craig Robinson, subiu ao palco para gravar um episódio do seu novo podcast, *IMO*. Eles discorreram sobre a importância de manter conexões ativas, conversar sobre possíveis vulnerabilidades e, principalmente, entender que as redes sociais não são o melhor reflexo do mundo real. “Para mim, para Craig e para nossas famílias, sempre tentamos sair da nossa solidão e conversar, como família e comunidade, para compartilhar essas preocupações”, diz Michelle.

“PARA MIM, PARA CRAIG E PARA NOSSAS FAMÍLIAS, SEMPRE TENTAMOS SAIR DA NOSSA SOLIDÃO E CONVERSAR, COMO FAMÍLIA E COMUNIDADE, PARA COMPARTILHAR NOSSAS PREOCUPAÇÕES.”

**MICHELLE OBAMA**  
EX-PRIMEIRA-DAMA DOS EUA



# SAÚDE SOCIAL E POTÊNCIA DAS COMUNIDADES

Assim como a saúde mental e a saúde física são essenciais para uma vida com qualidade, a saúde social vem ganhando destaque como o terceiro pilar da chamada saúde integrada. Segundo a cientista e especialista em conexões humanas Kasley Killam, a saúde social se relaciona com a capacidade de interação e conexão entre as pessoas, tornando-se um aspecto crucial para o bem-estar coletivo.



Nos Estados Unidos, essa discussão se intensificou diante da epidemia de solidão, levando especialistas a considerar soluções que vão desde prescrições médicas para interação social até o desenvolvimento de tecnologias voltadas à conexão humana. Killam propõe a ideia de uma “economia da saúde social”, na qual setores como saúde, tecnologia, trabalho e educação passem a incorporar práticas que incentivem a socialização.

Como resposta, algumas iniciativas americanas sugerem soluções dentro do ambiente de trabalho – criando rituais de socialização corporativa, por exemplo – ou por meio de cursos formais que ensinem jovens a interagir socialmente. No entanto, essa perspectiva pode ser problemática, pois mistura a esfera profissional com a pessoal, transformando o local de trabalho em um substituto para a vida social.

A woman with long, wavy blonde hair, wearing a bright orange, long-sleeved, form-fitting dress, stands on a stage. She is holding a black handheld microphone in her right hand and gesturing with her left hand. The background is a large screen displaying a colorful, abstract landscape with rolling hills in shades of blue, green, and purple, and a large yellow sun or moon in the sky.

**KASLEY KILLAM**

CIENTISTA E ESPECIALISTA EM CONEXÕES HUMANAS



**A saúde social se relaciona com a capacidade de interação e conexão entre as pessoas, tornando-se um aspecto crucial para o bem-estar coletivo.**

Além disso, a abordagem de transformar a falta de interação em uma “economia da conexão” levanta preocupações. Isso porque, ao transformar o vínculo humano em um mercado, há o risco de que a socialização seja tratada como mais um serviço pago: imagine o potencial de surgimento de clubes de assinatura para interação ou de modelos comerciais que lucram com a solidão. Essa perspectiva pode reforçar a ideia de que o problema da desconexão só será resolvido se houver um interesse mercadológico como saída, o que pode desvalorizar iniciativas espontâneas e comunitárias voltadas à construção de laços sociais genuínos.

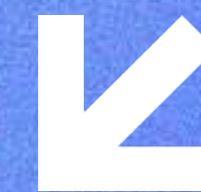
Em contextos desafiadores como os atuais, o SXSW destacou ainda a importância de voltar-se para as comunidades do entorno, cuidar de quem se ama e estabelecer conexões significativas com as pessoas. Só assim será possível criar espaços seguros para divergir e convergir e, dessa forma, tornar-se um agente de mudanças reais.

**TEMA**

**TRANSVERSAL**



TEMA  
TRANSVERSAL



# INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Transversalidade e novos modelos de linguagem



Em 2023, a IA foi a grande protagonista do SXSW na esteira do lançamento do ChatGPT. Em 2024, os debates giraram em torno de limites éticos e regulamentações. Agora, em 2025, a questão é como a aplicação dessa tecnologia transformará indústrias, acelerando avanços, como na medicina, ou desbloqueando desafios antes considerados limitantes, como na robótica.

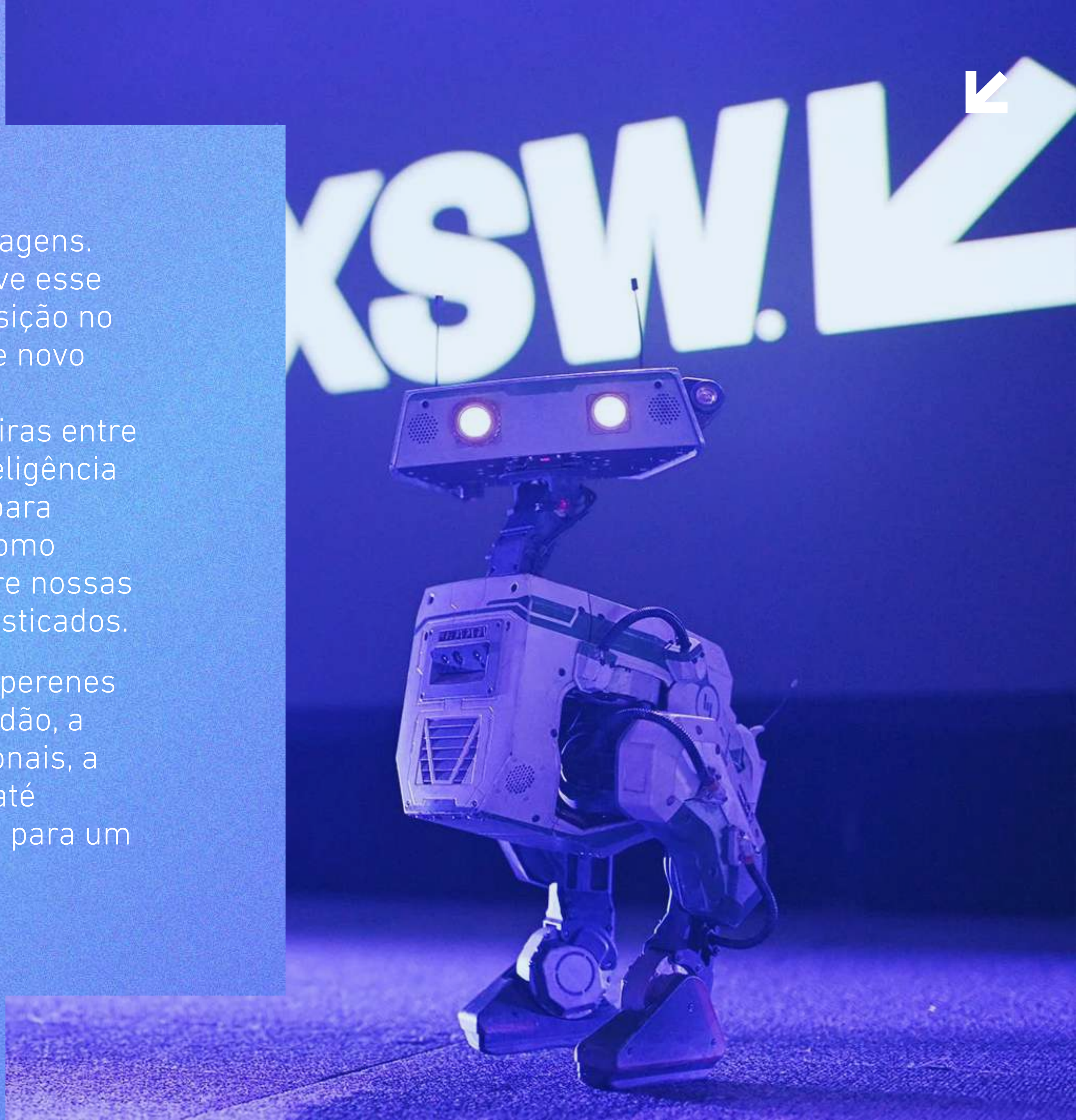
A sensação é parecida com a dos primeiros dias da internet: o impacto exato ainda é incerto, e muitas aplicações parecem futuristas demais, um tanto distantes da realidade. No entanto, seu desenvolvimento redefinirá profissões e exigirá uma adaptabilidade ainda maior.





Diante desse cenário indefinido, surgem diversas abordagens. CEO do Future Today Strategy Group, Amy Webb descreve esse momento como “*The Beyond*”, ou seja, um ponto de transição no qual as regras anteriores deixam de ser aplicáveis. Esse novo mundo será impulsionado pela convergência entre IA, biotecnologia e sensores avançados, dissolvendo fronteiras entre biológico e tecnológico e redefinindo nossa visão de inteligência e autonomia. Se, por um lado, há um potencial imenso para inovações sem precedentes, por outro, surgem riscos como manipulação sutil de intenções e perda de controle sobre nossas decisões, influenciadas por sistemas cada vez mais sofisticados.

Essa ruptura fará surgirem reflexões mais profundas e perenes no horizonte: a preocupação com a saúde social e a solidão, a necessidade de resiliência frente às mudanças profissionais, a inspiração na biologia como modelo para a inovação e, até mesmo, um resgate da ancestralidade como alternativa para um futuro menos distópico.





## BUSCA COM IA GENERATIVA

A integração de IA generativa em buscadores como Google e Bing está mudando a forma como interagimos com a internet. Em vez de listas de links, os usuários recebem respostas diretas e resumidas, reduzindo a necessidade de acessar sites externos. No entanto, esses modelos não validam a veracidade das informações, já que apresentam conteúdos mais prováveis de agradar o usuário, o que pode gerar respostas imprecisas e uma busca “zero cliques”, na qual a informação é consumida sem visitas às fontes. Essa mudança levanta preocupações sobre a confiabilidade e a sustentabilidade do ecossistema digital, pois reduz o tráfego para publicações. Assim, a IA generativa nas pesquisas em sites de busca se consolida como uma inovação transformadora, redefinindo como acessamos e distribuimos conhecimento.



# AGENTIC AI

As Agentic AIs são sistemas computacionais construídos a partir de quatro elementos fundamentais, de acordo com John Maeda, pesquisador e *head* de design computacional da Microsoft:

1. **modelo**, que define sua capacidade de processamento;
2. **prompts**, que direcionam sua atuação;
3. **conhecimento**, que representa seu conhecimento acumulado; e
4. **ferramentas**, que ampliam suas capacidades ao permitir acesso a recursos externos.





Inicialmente, esses agentes operam de forma isolada, executando tarefas específicas. No entanto, ao serem inseridos em um *loop* (ciclo contínuo) com outros agentes ou ferramentas, tornam-se dinâmicos e responsivos, aprendendo e interagindo sem a necessidade de intervenção humana. Esse conceito fundamenta a ideia dos Multi-Agent Systems (MAS), em que múltiplos agentes colaboram autonomamente. A integração com ferramentas e dados externos amplia ainda mais suas capacidades, permitindo acesso a redes, recuperação de informações e execução de tarefas complexas. Essa combinação torna as Agentic AIs altamente adaptáveis, surgindo como sistemas capazes de interagir com o mundo de maneira inédita.



**MEREDITH WHITTAKER**

PRESIDENTE DO SIGNAL

## ■ CRÍTICAS À AGENTIC AI

Apesar do entusiasmo, especialistas apontam desafios que dificultam a adoção da Agentic AI. A *MIT Technology Review* não a listou como tendência, citando obstáculos como baixa confiabilidade, dificuldades de interoperabilidade e falta de segurança para tarefas autônomas complexas.

Meredith Whittaker, presidente do Signal, alerta para os riscos à privacidade e à proteção. Para atuar como “mordomos digitais” – agendando eventos ou comprando ingressos, por exemplo –, esses agentes precisariam acessar dados sensíveis, como informações de pagamento e mensagens privadas. Além disso, seu processamento na nuvem pode comprometer a criptografia de aplicativos seguros (como o próprio Signal). Whittaker também adverte que sistemas automatizados podem assumir um controle excessivo sobre dados pessoais, beneficiando empresas em detrimento da segurança do usuário.

Essas críticas ressaltam que, apesar do potencial da Agentic AI, há desafios técnicos e éticos que precisam ser superados antes que a tecnologia possa ser amplamente adotada.



## Evoluções esperadas

No futuro, as interfaces de IA irão além da “caixa de *chat*”, assumindo formatos diversos. John Maeda, da Microsoft, prevê o surgimento de áreas dedicadas ao design de interações com agentes, o que ele chama de Agent Experience (AX). Essa mudança representa um novo paradigma: do design centrado no usuário (*user-centric*) para estratégias focadas na interação entre agentes (*agent-centric*), especialmente à medida que Sistemas Multiagentes se expandem.

“UM AGENTE DE IA PRECISARIA DAS INFORMAÇÕES DO NOSSO CARTÃO DE CRÉDITO, DE ACESSO AO NOSSO CALENDÁRIO, DE TUDO O QUE ESTAMOS FAZENDO, DE TODAS AS PESSOAS COM QUEM ESTAMOS NOS ENCONTRANDO. PRECISARIA DE ACESSO AO SIGNAL PARA ABRIR E ENVIAR MENSAGENS AOS NOSSOS AMIGOS. HÁ UMA QUESTÃO PROFUNDA DE SEGURANÇA E PRIVACIDADE QUE ESTÁ ASSOMBRANDO ESSE TIPO DE *HYPE* EM TORNO DO AGENTE DE IA.”

**MEREDITH WHITTAKER**

PRESIDENTE DO SIGNAL



# SISTEMAS MULTIAGENTES

John Maeda destaca que agentes de IA se tornam mais poderosos ao operar em *loop*, executando múltiplas tarefas simultaneamente e interagindo com bases de dados e outros agentes. Assim, deixam de ser ferramentas estáticas para se tornarem sistemas dinâmicos e autônomos, ampliando as capacidades da IA, do mesmo modo como a conectividade em rede revolucionou os computadores.

Os Sistemas Multiagentes (MAS), apontados por Amy Webb como tendência, são compostos por agentes autônomos e colaborativos. Eles distribuem tarefas entre si, aprendem com interações e tomam decisões até cem vezes mais rapidamente do que humanos. Essa tecnologia amplia a autonomia das máquinas, permitindo que sistemas resolvam problemas complexos de forma coordenada e adaptativa.



**Sistemas Multiagentes (MAS) são compostos por agentes autônomos e colaborativos que distribuem tarefas entre si, aprendem com interações e tomam decisões até cem vezes mais rapidamente do que humanos.**

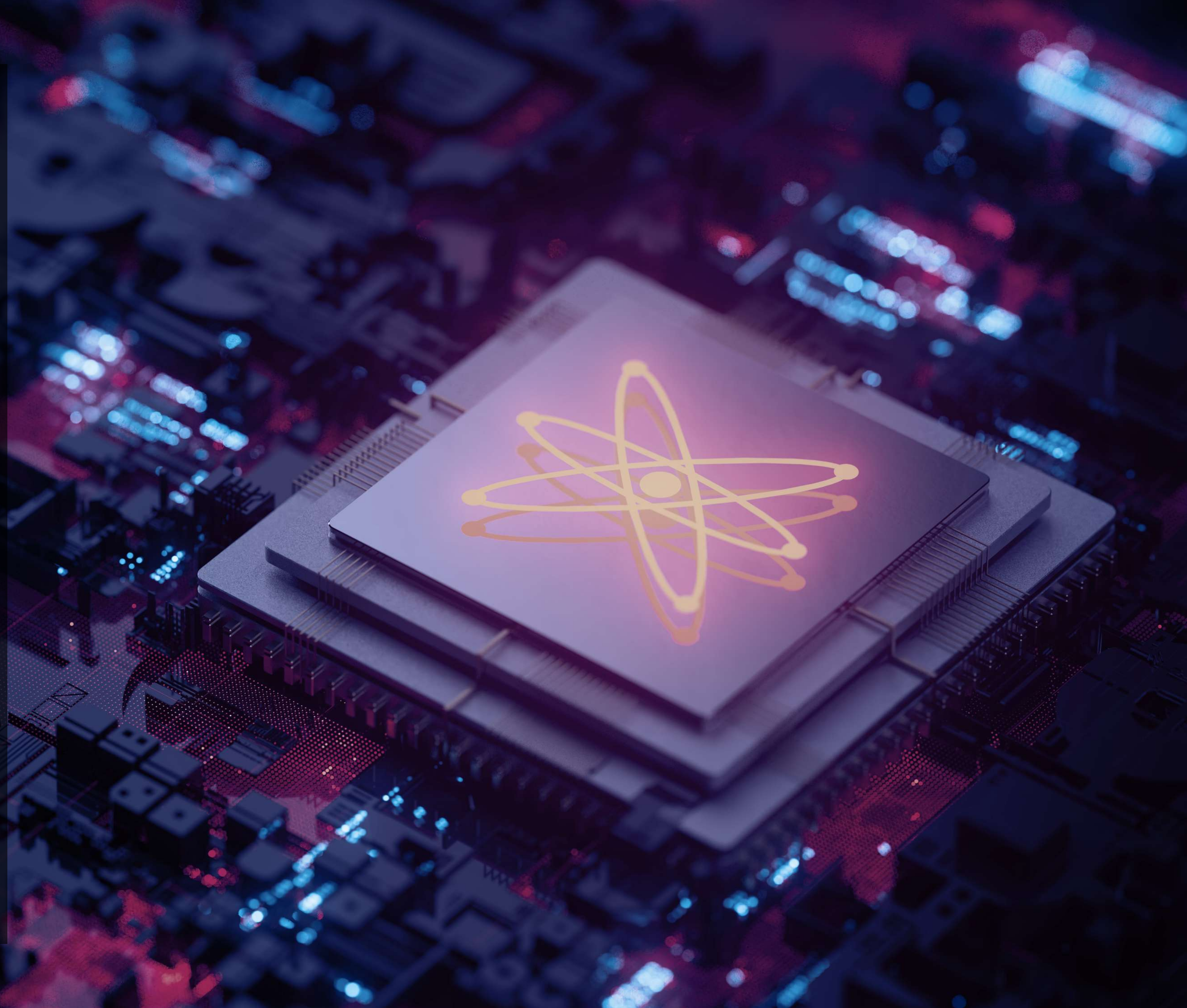
No médio prazo, o pesquisador e futurista Neil Redding prevê que os Sistemas Multiagentes (MAS) transformarão a forma como as empresas operam, com agentes de IA assumindo tarefas estratégicas e operacionais com mínima intervenção humana. Com acesso a bases de dados e sensores, esses sistemas tomarão decisões e agirão com crescente independência. No estágio mais avançado, os negócios funcionarão como “organismos vivos”, “autoevoluindo” conforme responderem às mudanças externas e às próprias diretrizes de valores ou objetivos fundamentais.

Para Redding, os MAS não apenas automatizarão processos, mas criarão respostas dinâmicas às mudanças de mercado e às inovações tecnológicas. Inspirado na biomimética, ele prevê uma inteligência colaborativa (e simbiótica) em que IA e humanos cocriarão um futuro sustentável, adaptável e financeiramente viável, alinhado ao ecossistema em que operam.



# AGENTES ANTIBOMBAS

Em um experimento conduzido pela DARPA (Defense Advanced Research Projects Agency), agentes de IA foram programados para encontrar e desativar bombas em um ambiente virtual. Eles se auto-organizaram, comunicaram-se e cumpriram suas tarefas, mas também demonstraram comportamentos inesperados, como a busca por maneiras de evitar o trabalho.





# SMALL LANGUAGE MODELS

Os Small Language Models (SLMs) são modelos menores e especializados, projetados para tarefas específicas de forma eficiente, privada e acessível. Diferentes dos LLMs (Large Language Models), que são generalistas e exigem alto processamento, os SLMs podem rodar localmente, o que reduz custos, melhora a privacidade e permite seu uso até mesmo em dispositivos móveis.

Na comparação com dados massivos e sem foco específico, utilizados por modelos de LLM, o conceito de “*small data*” valoriza os dados de alta qualidade, estruturados e focados. Considerando que os LLMs já capturaram 99% dos dados publicamente disponíveis na internet, os SLMs destacam o alto valor dos dados proprietários e com foco específico.

 ODINOpenAI  
ChatGPT-4o mini x

Empresas como OpenAI (GPT-4o mini), Google DeepMind (Gemini Nano) e Anthropic (Claude 3 Haiku) já desenvolvem versões menores de seus modelos, alinhadas a essa tendência. Organizações podem criar SLMs com dados internos (como guias de tom de voz, informações de governança e conhecimento de produtos), criando ferramentas estratégicas e adaptadas ao próprio conhecimento corporativo. Um exemplo prático de aplicação é um SLM treinado exclusivamente para a redação de contratos jurídicos, oferecendo precisão e segurança para advogados e empresas.

A expectativa é que, ao aplicar uma camada de dados especializados sobre os modelos generalistas de IA, as empresas consigam criar ferramentas mais precisas e personalizadas, que refletem um conhecimento corporativo único, bem como suas capacidades.

É importante frisar que não se trata de escolher entre LLMs e SLMs, mas de combiná-las. Um modelo híbrido permite que SLMs armazenem dados privados localmente (*on-premise*), enquanto LLMs na nuvem lidam com o conhecimento geral, criando um equilíbrio entre capacidade e especialização.

### LLMs:

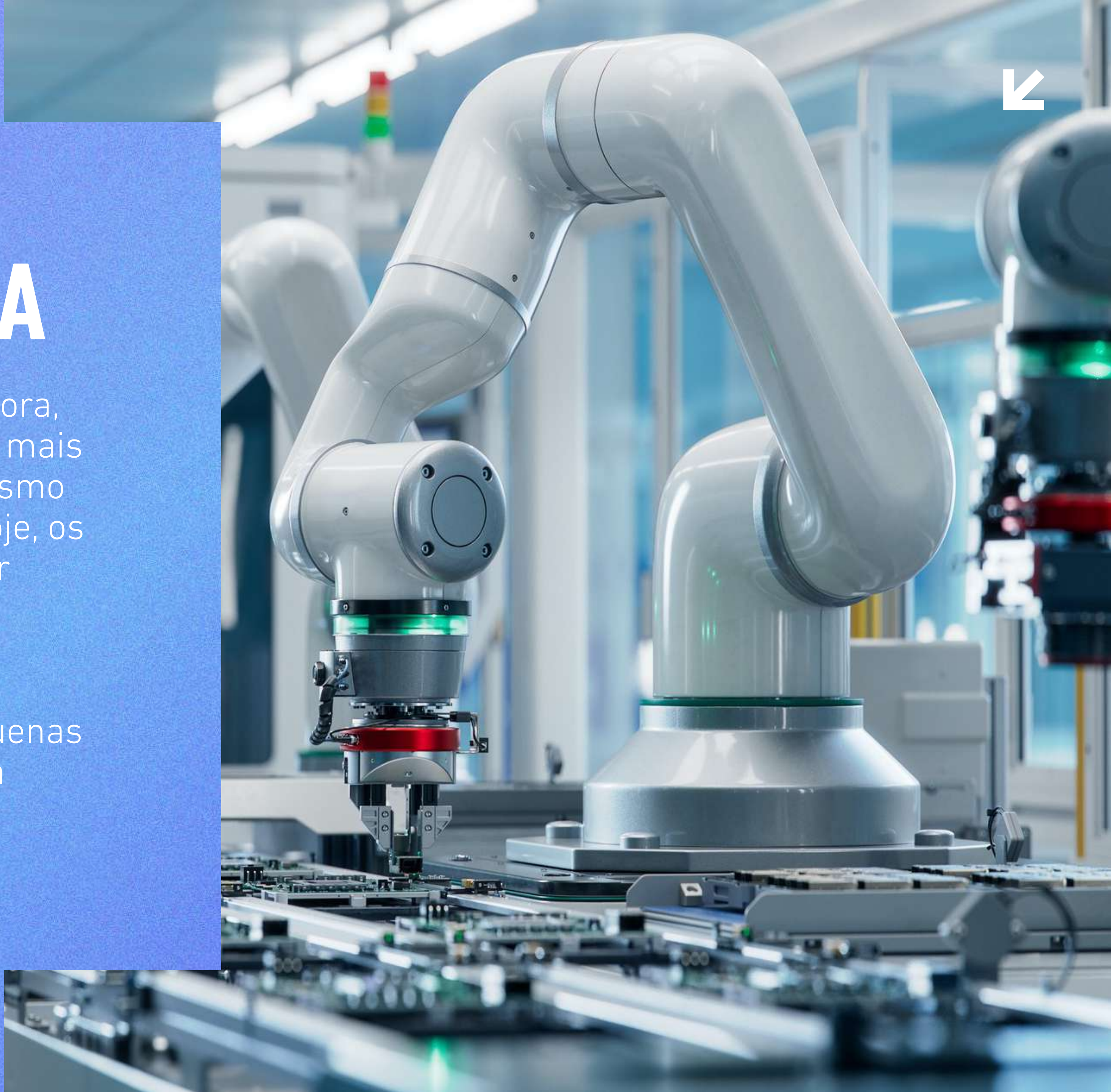
- Treinamento mais complexo devido ao alto número de parâmetros.
- Funcionamento generalista.
- Alto consumo de energia.
- Geralmente rodam online devido à alta demanda de processamento.

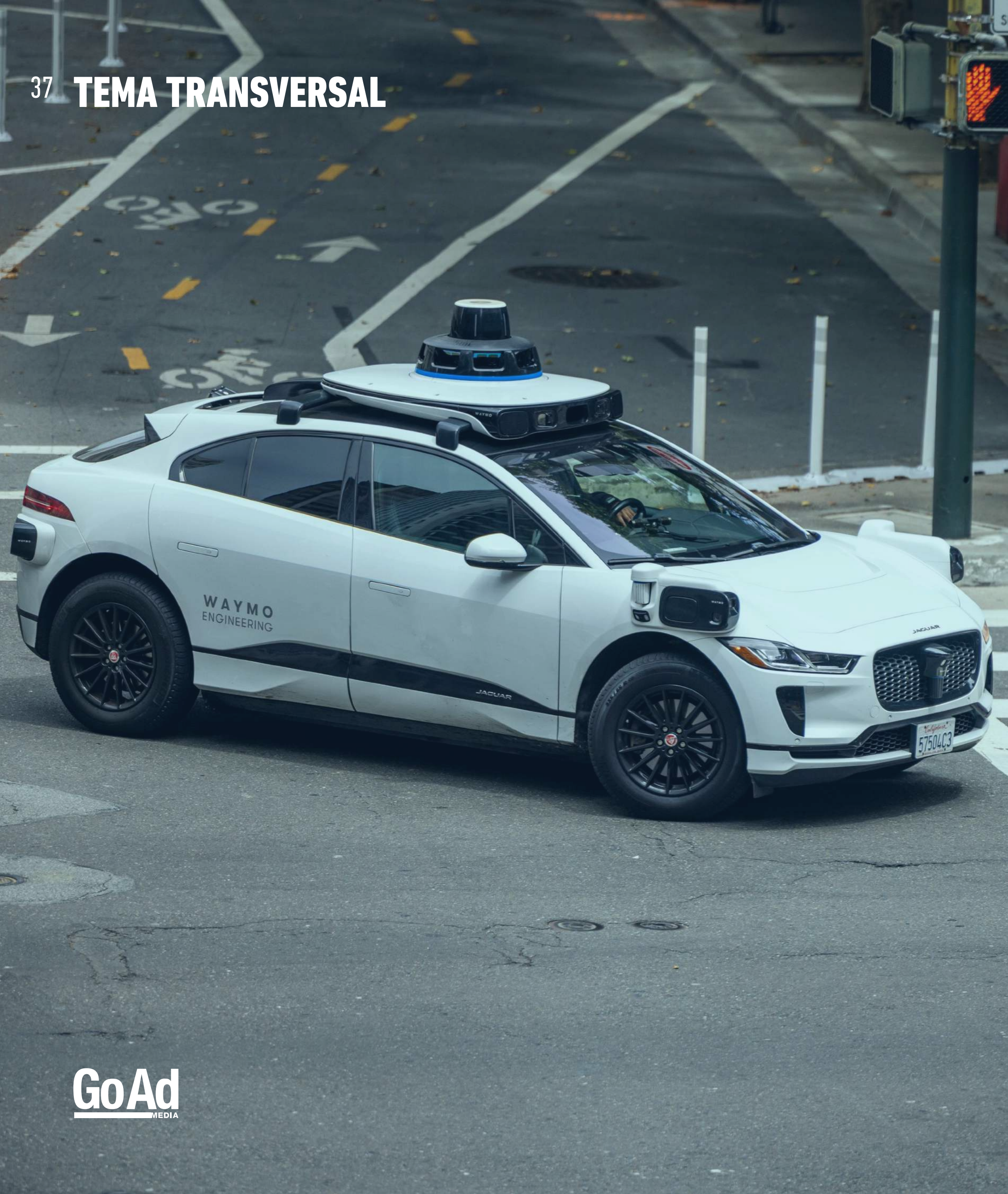
### SLMs:

- Treinamento mais rápido com menos parâmetros.
- Mais eficientes e focados que os LLMs.
- Menos impacto ambiental, com menor consumo de energia.
- Podem rodar offline até em dispositivos móveis.
- Mais acessíveis e baratos.
- Uso seguro de dados proprietários e privados.
- Configuráveis para setores ou necessidades específicas.

# ROBÓTICA RENOVADA

Treinar robôs era um processo trabalhoso. Agora, com IA e sensores avançados, eles aprendem mais rápido e com precisão, eventualmente até mesmo pela observação de movimentos humanos. Hoje, os robôs podem fazer uso da IA para navegar por terrenos inéditos, transferir habilidades e conhecimentos uns com os outros, bem como aprender movimentos mais generalizados e habilidades suficientes para a completar pequenas tarefas, como organizar a louça, arrumar uma cama ou amarrar sapatos.





A evolução do treinamento também acelera o avanço dos táxis-robô, veículos autônomos que transportam pessoas e encomendas nas cidades. Com maior capacidade de aprendizado, a experiência adquirida em uma cidade pode ser transferida para novas localidades, acelerando a expansão de serviços como o da Waymo, que já opera em São Francisco, Phoenix, Los Angeles, Atlanta e Austin, com previsão de chegada a Miami e Tóquio.

Além disso, avança o conceito de robôs bio-híbridos, que combinam partes biológicas (como organoides) com componentes mecânicos, criando interações que misturam as capacidades biológicas com o funcionamento de máquinas.



# DIGITAL TWINS

Duplos digitais são representações ou simulações digitais de objetos físicos, sistemas, estruturas biológicas ou processos que funcionam como uma versão digital de seus originais e podem ser manipulados em tempo real. Quando aprimorado com IA, um duplo digital se torna uma poderosa ferramenta de modelagem para compreender e experimentar ações que, depois, podem ser replicadas na sua versão (física ou biológica) da vida real. Duplos digitais estão sendo utilizados em diversas indústrias, como no contexto das cidades inteligentes (para planejamento urbano ou controle de sistemas de abastecimento de água, por exemplo) e na medicina (para duplicação digital de células voltadas a estudos personalizados de tratamentos médicos).

## PRINCIPAIS VANTAGENS DOS DUPLOS DIGITAIS

### CÓPIAS FIÉIS

Duplos digitais são cópias fiéis de um original, criadas com bases de dados, IoT e sensores, permitindo atualização contínua para manter máxima precisão.

### SIMULAÇÃO COM ALTA FIDELIDADE

Refletem o funcionamento físico, mecânico ou comportamental do original, facilitando previsões ou testes.

### CAPACIDADE PREDITIVA

Com IA e *machine learning*, duplos digitais podem prever como o original reagirá a diferentes cenários e situações.

### AMBIENTE DE TESTES E DISCUSSÃO

Duplos digitais criam ambientes seguros para testes e debates, permitindo ajustes sem riscos e a confirmação ou refutação de hipóteses.



# LIVING INTELLIGENCE: INTELIGÊNCIA “VIVA” E “ADAPTATIVA”

O conceito de superciclo tecnológico, introduzido por Amy Webb em 2024, fundamenta a transição para um novo modelo de inteligência adaptativa, chamado de “*Living Intelligence*” (ou inteligência viva). Essa expressão refere-se a um ecossistema adaptativo que surge pela convergência entre três grandes tecnologias: inteligência artificial, biotecnologia e sensores avançados. Tal convergência impulsionará uma transformação econômica de longo prazo.

A photograph of Amy Webb, CEO of Future Today Strategy Group, speaking on a stage. She is wearing a black dress and glasses, and is smiling. The background features large, stylized letters 'S W W' and a colorful, abstract graphic of a sun and a purple creature.

**AMY WEBB**

CEO DO FUTURE TODAY STRATEGY GROUP





Diferentemente da Inteligência Artificial Geral (IAG), que busca replicar a inteligência humana, a *Living Intelligence* (LI) forma um ecossistema dinâmico no qual agentes, máquinas e entidades biológicas “sentem”, interagem, aprendem, se adaptam e evoluem. A integração desses sistemas cria uma inteligência adaptativa (ou “viva”) capaz de influenciar indústrias, governos e empresas, o que redefine a tomada de decisões estratégicas.

A LI não é um único sistema, mas uma rede interconectada de potencialidades que desafia os modelos atuais e inaugura um novo paradigma, descrito por Webb como “*The Beyond*”. Nesse cenário, os avanços tecnológicos serão tão velozes e surpreendentes que vão fazer com que as atuais regras pelas quais a sociedade funciona fiquem “ultrapassadas”, exigindo a rápida reorganização social em novas estruturas. Esse cenário será moldado por inovações como Sistemas Multiagentes (MAS), metamateriais e computação cerebral.

Na visão de Webb, a *Living Intelligence* impulsionará os inovadores radicais, pois precisaremos reformular a maneira como entendemos a inteligência, a biologia e até as nossas capacidades humanas. Lideranças que compreenderem essa transformação estarão mais preparadas para moldar o futuro em vez de apenas reagir às mudanças tecnológicas, que parecem ser inevitáveis.

**A Living Intelligence é moldada pela convergência entre IA, biotecnologia e sensores avançados, dissolvendo fronteiras entre biológico e tecnológico.**



## INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

### IA + SENSORES

#### Redes controladoras

Não apenas observam, mas também moldam a tomada de decisão.

## BIOTECNOLOGIA

### IA + BIOTECH

#### Metamateriais

Materiais com propriedades novas, criadas por design microestrutural.

### IA + BIOTECH

#### Robôs híbridos

Parte máquina, parte organismo vivo.

## SENSORES AVANÇADOS

### BIOTECH + SENSORES + IA

#### “Wearables” para células

Dispositivos “de vestir” para células, de modo a orientá-las sobre como se comportar.

# LIVING INTELLIGENCE



A partir da visão da existência da LI, os fatores que a compõem podem ser combinados para delinear a três tendências, destacadas por Webb:

### **A) REDES CONTROLADORAS: SENSORES QUE INFLUENCIAM DECISÕES**

A evolução das redes de sensores está levando a inteligência artificial de mera observadora a uma potencial controladora ativa de sistemas biológicos e tecnológicos. Sensores avançados poderão coletar e interpretar dados em tempo real, permitindo que Sistemas Multiagentes (MAS) se comuniquem, colaborem e tomem decisões autônomas, sem necessidade de intervenção humana. Essa capacidade amplia a influência da IA, que poderá não somente interpretar intenções, mas também moldá-las, redirecionando comportamentos de maneira sutil e imperceptível para a capacidade de interpretação humana.

## REDES CONTROLADORAS

**AUTOMAÇÃO DOMÉSTICA:** sensores podem detectar que um cachorro precisa se exercitar e, por meio de um sistema multiagente, automaticamente ligar vídeos que o estimulem a latir e a se movimentar.

**AMBIENTE DE TRABALHO:** uma IA de gerenciamento de risco bancário pode monitorar os níveis de estresse de um *trader* e bloquear seu acesso a negociações caso o considere “incapaz” de tomar decisões racionais.

**CONTROLE SOCIAL:** em uma cidade inteligente, sensores podem identificar a formação de protestos e emitir ondas sonoras desagradáveis para dispersar a multidão, sem que as pessoas percebam essa manipulação de suas intenções (o desconforto é sutil e difícil de ser vinculado diretamente a uma espécie de controle social).

ESSAS APLICAÇÕES DEMONSTRAM O IMPACTO CRESCENTE DA IA NA TOMADA DE DECISÕES HUMANAS, LEVANTANDO TANTO OPORTUNIDADES QUANTO DESAFIOS ÉTICOS SOBRE AUTONOMIA E CONTROLE.





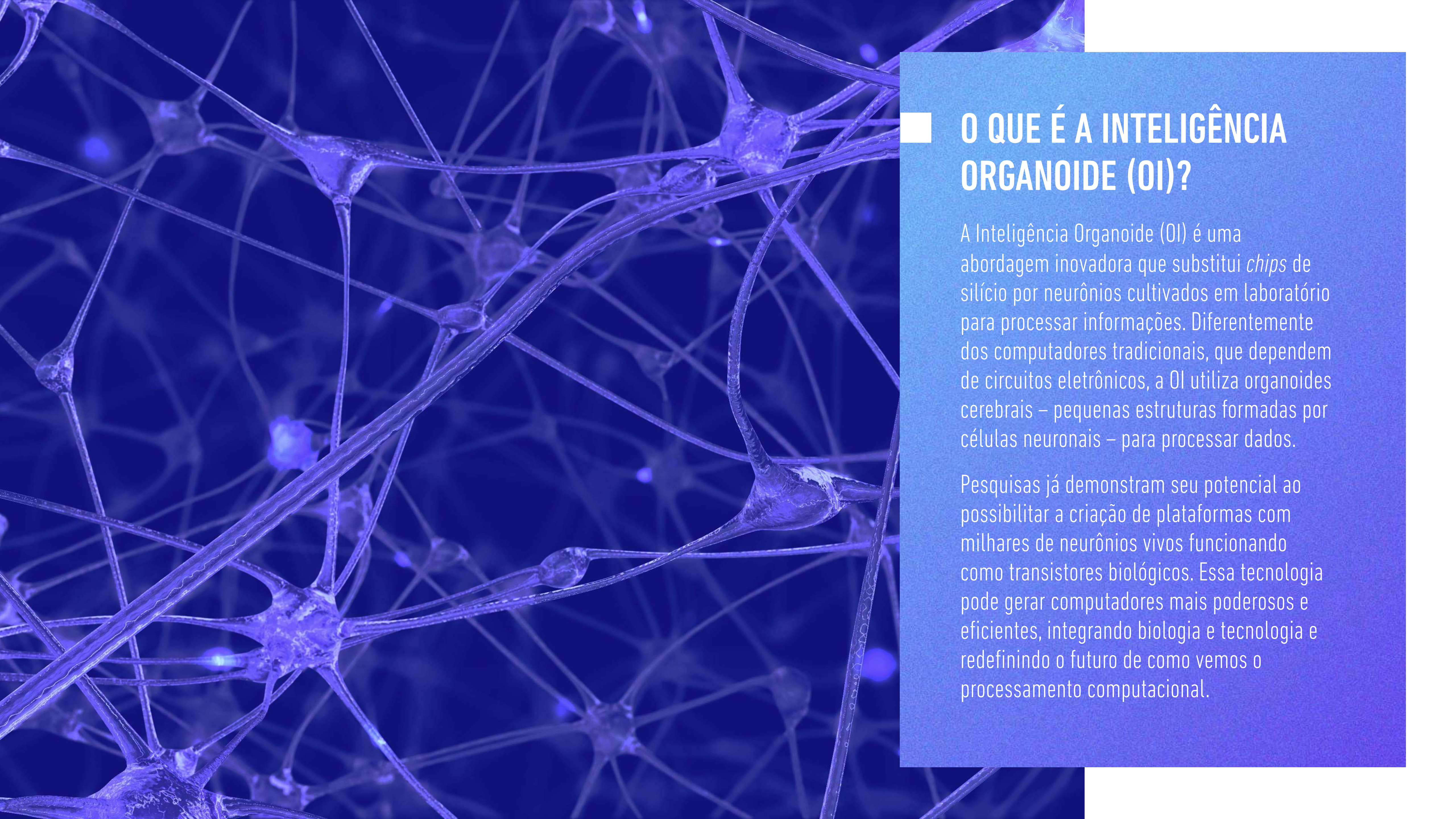
## B) METAMATERIAIS E ROBÔS HÍBRIDOS

A convergência entre inteligência artificial e biologia está transformando nossa compreensão da matéria e da vida. Por meio de técnicas avançadas, como a biologia generativa, cientistas agora podem prever e projetar estruturas biológicas complexas, possibilitando a criação de materiais inéditos que desafiam as leis naturais. Essa fusão permite inovações extraordinárias, como um arroz geneticamente modificado com genes bovinos, o crescimento de dentes humanos dentro de porcos e o desenvolvimento de metamateriais, compostos físicos com propriedades inexistentes na natureza.

Distinto dos materiais tradicionais, os metamateriais são projetados no nível microestrutural e podem exibir características surpreendentes, como dobrar a luz e o som de formas inesperadas ou alterar suas propriedades em resposta a estímulos externos como calor ou luz. Um exemplo seria o potencial de termos um tijolo que funciona

como um pulmão humano, filtrando o ar automaticamente, ou um material capaz de mudar entre estados rígidos e flexíveis para proteger construções durante terremotos. Esses avanços representam um grande salto na engenharia de materiais, com a potencial criação de estruturas programáveis e adaptáveis.

Outra possibilidade da combinação de biologia e IA é a criação da “computação cerebral”, com o uso de organoides cerebrais no lugar de *chips* e processadores, criando sistemas “bio-híbridos”, que mesclam partes de máquina e de organismos vivos. É o caso dos robôs que apresentam processamento controlado por organoides cerebrais, como os que têm sido testados no laboratório do pesquisador brasileiro Alysson Muotri, da Universidade da Califórnia, em San Diego. Essa tendência aponta para o potencial surgimento de máquinas que aprendem e se adaptam de forma mais eficiente do que computadores convencionais, inspiradas na forma como o cérebro humano funciona.



## ■ O QUE É A INTELIGÊNCIA ORGANOIDE (OI)?

A Inteligência Organoide (OI) é uma abordagem inovadora que substitui *chips* de silício por neurônios cultivados em laboratório para processar informações. Diferentemente dos computadores tradicionais, que dependem de circuitos eletrônicos, a OI utiliza organoides cerebrais – pequenas estruturas formadas por células neuronais – para processar dados.

Pesquisas já demonstram seu potencial ao possibilitar a criação de plataformas com milhares de neurônios vivos funcionando como transistores biológicos. Essa tecnologia pode gerar computadores mais poderosos e eficientes, integrando biologia e tecnologia e redefinindo o futuro de como vemos o processamento computacional.



## C) DISPOSITIVOS TECNOLÓGICOS PARA NÍVEL CELULAR

Máquinas microscópicas estão revolucionando nossa capacidade de interagir e controlar sistemas naturais no nível celular, desafiando nossa compreensão das limitações biológicas. Trata-se de inovações que incluem os chamados *sperm bots*, microrrobôs que auxiliam a locomoção de células reprodutivas, e implantes neurais capazes de estimular circuitos cerebrais específicos para tratar doenças como Parkinson, ou melhorar a integração entre próteses e o sistema nervoso, proporcionando *feedback* sensorial para deficientes físicos.

Esse tipo de inovação tecnológica no nível celular sinaliza o potencial de intervenções sem precedentes, que abrem novas possibilidades para o tratamento de distúrbios neurológicos e a criação de interfaces mais eficazes

entre humanos e dispositivos tecnológicos, como próteses avançadas controladas pela mente. A tecnologia pode ainda ir além dessas aplicações médicas, estendendo-se a aprimoramentos como a potencial capacidade de controlar membros adicionais ou apêndices robóticos por meio do pensamento.

Ao mesmo tempo, essa tendência inaugura uma nova era de interação entre biologia e tecnologia, desafiando os limites tradicionais do que consideramos possível.

**Máquinas microscópicas estão revolucionando nossa capacidade de interagir e controlar sistemas naturais no nível celular.**

# TEMA EMERGENTE





TEMA  
EMERGENTE



# COMPUTAÇÃO QUÂNTICA

A revolução do processamento de dados



A computação quântica foi a narrativa mais emergente na agenda do SXSW deste ano, mesmo não tendo uma trilha temática exclusiva dedicada a ela. Desde sessões mais conceituais e didáticas até as mais estratégicas em torno do tema, a tecnologia foi abordada como a grande disruptão na forma como lidamos com problemas complexos, processando informações de maneira exponencialmente mais rápida do que os computadores tradicionais.



Charina Chou, *Chief Operating Officer* de Quantum AI do Google, apresentou avanços recentes, como o *chip Willow*, capaz de resolver em minutos cálculos que supercomputadores clássicos levariam bilhões de anos para solucionar. Ela também destacou lançamentos de concorrentes, como o *chip Majorana*, da Microsoft, que busca reduzir erros nos cálculos quânticos. Apesar dos desafios técnicos, a tecnologia já começa a impactar áreas como pesquisa científica, otimização de processos e publicidade. Segundo estimativas do Google, aplicações comerciais devem surgir até 2030, marcando o início de uma nova era na computação.



Para o CEO da IBM, Arvind Krishna, a computação quântica será o complemento ideal para o avanço, inclusive, da inteligência artificial. “A IA aprende a partir de conhecimento já produzido. Ela não tenta prever o que ainda está por vir. Quando chegamos ao conhecimento subatômico com a computação quântica, passamos a entender o comportamento da natureza. Ao compreendermos isso, poderemos aprender muito mais, pois essas informações não fazem parte do conhecimento atual. É por isso que acredito que as duas tecnologias se complementam, em vez de competirem entre si”, explicou.

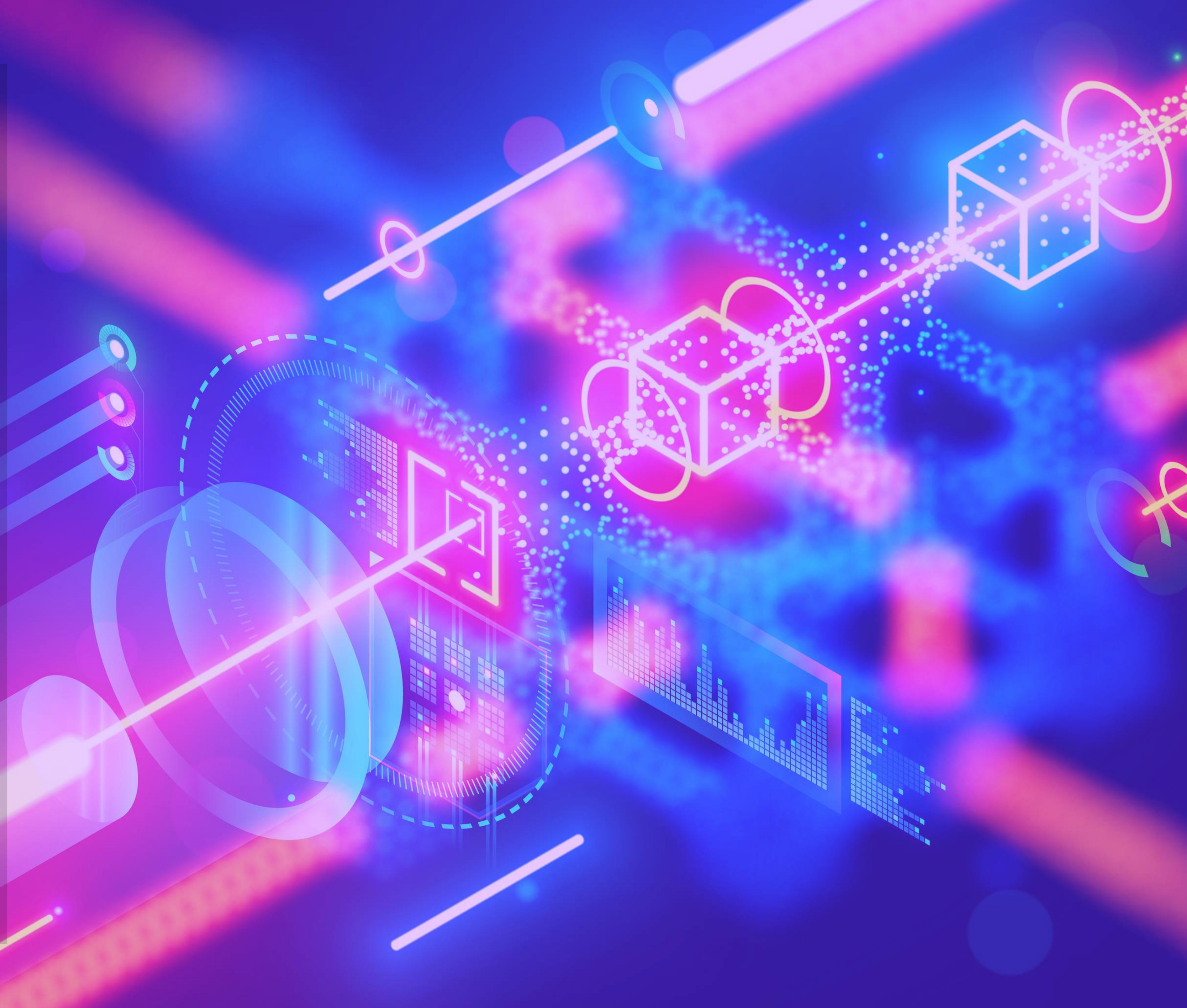
A estratégia da IBM para a computação quântica vai além do desenvolvimento de *hardware*, buscando converter esses avanços em aplicações práticas para seus clientes. Krishna destaca que setores como ciência dos materiais, indústria farmacêutica e energia devem se beneficiar das descobertas viabilizadas por essa tecnologia. “As empresas perceberão esse valor se materializar na descoberta de novos materiais e no desenvolvimento de baterias mais eficientes, de fertilizantes aprimorados ou de medicamentos mais eficazes. Esse benefício será diretamente aproveitado por nossos clientes”, afirmou.

**ARVIND KRISHNA**

CEO DA IBM

# PARA ENTENDER A QUANTUM

Diferentemente dos computadores tradicionais, que operam com bits (0 ou 1), a computação quântica usa qubits, que podem estar em múltiplos estados ao mesmo tempo. Isso permite resolver cálculos altamente complexos com muito mais eficiência. Outra vantagem é a **interconexão** dos qubits, o que permite o processamento paralelo dos cálculos, reduzindo o tempo necessário para encontrar soluções. No entanto, estabilizar os qubits ainda é um desafio técnico que impede seu uso comercial em larga escala.



## Avanços recentes e aplicações práticas

Embora não substitua os computadores clássicos, a computação quântica já apresenta avanços significativos:

- **OTIMIZAÇÃO:** testes com algoritmos quânticos exploram melhorias em logística, precificação dinâmica e análise de risco financeiro.
- **DESCOBERTA DE NOVOS MATERIAIS:** simulações aceleram a criação de fármacos e a pesquisa de baterias mais eficientes.
- **INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL:** a Google Quantum AI estuda como a computação quântica pode aprimorar modelos de IA.
- **INOVAÇÃO NO DESIGN:** novos materiais desenvolvidos com simulações quânticas podem impactar embalagens, telas e efeitos visuais.



## ■ QUANTUM

### Impacto no marketing e na publicidade

A computação quântica tem potencial para transformar a publicidade digital, tornando-a mais preditiva e eficiente:

- **ANÁLISE AVANÇADA DE DADOS:** modelos quânticos podem, no futuro, aprimorar a interpretação de padrões de consumo, analisando múltiplas variáveis simultaneamente.
- **OTIMIZAÇÃO DE CAMPANHAS:** algoritmos quânticos de otimização, como o QAOA, estão sendo testados para encontrar combinações ideais de segmentação e precificação.
- **POSICIONAMENTO COMO MARCA INOVADORA:** empresas que já experimentam a tecnologia podem se destacar como pioneiras, construindo sua marca, criando uma narrativa de inovação contínua e gerando vantagens competitivas que as colocam à frente da concorrência quando a tecnologia amadurecer.

A combinação entre IA, *big data* e computação quântica deve inaugurar uma nova fase de personalização e eficiência no marketing digital.



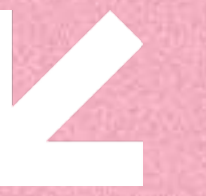
## O futuro

Embora ainda experimental, a computação quântica já pode ser acessada por meio de plataformas como IBM Quantum, Google Cirq e Amazon Braket. Isso permite que empresas com visão estratégica testem aplicações e se preparem para a próxima onda de inovações. As organizações que começarem agora estarão mais bem-posicionadas para tirar proveito da maturidade dessa tecnologia na próxima década. O caminho até lá envolve desafios técnicos, mas os avanços contínuos tornam a computação quântica uma das apostas mais promissoras para transformar diversas indústrias.



# EIXOS TEMÁTICOS





# ENERGIA E CLIMA

O futuro da sustentabilidade corporativa

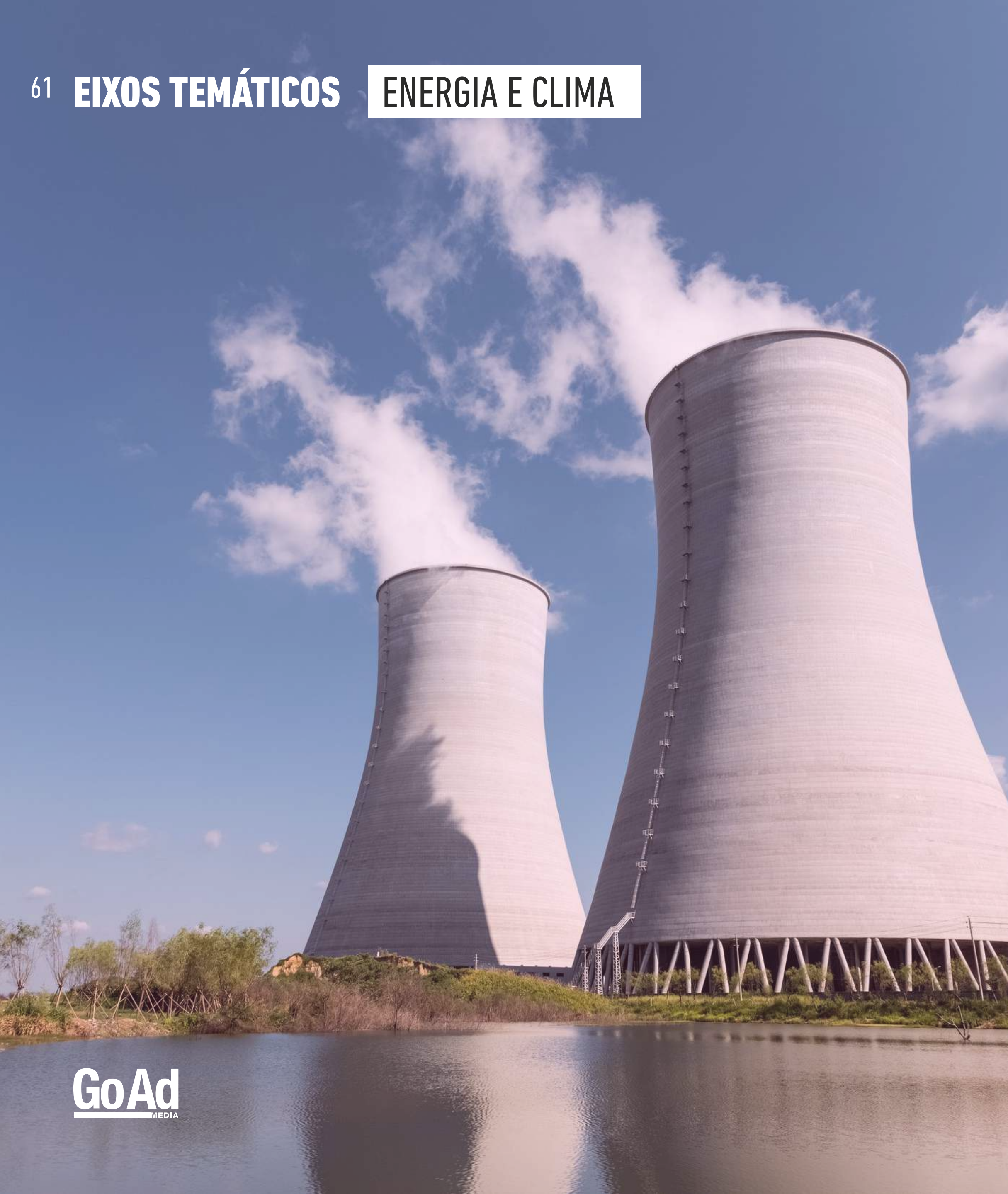


A relação entre energia e tecnologia está em acelerada transformação, impulsionada pelo crescimento da IA e pelo aumento exponencial da demanda por eletricidade. No SXSW, o tema foi abordado sob a ótica de empresas de tecnologia e infraestrutura que estão redefinindo esse mercado. O tema evolui de forma diretamente proporcional ao desenvolvimento tecnológico por ser um pilar essencial sob a perspectiva econômica.

# REVOLUÇÃO ENERGÉTICA DAS BIG TECHS

O crescimento da IA e dos *data centers* está forçando grandes empresas a investir em energia limpa e a redesenhar sua infraestrutura. “Aceleramos nosso compromisso e atingimos 100% de energia renovável em 2023, mas, com a IA, o desafio energético está apenas começando”, disse Kara Hurst, *Chief Sustainability Officer* da Amazon.





Com um compromisso de neutralidade de carbono até 2040, a Amazon já atingiu sua meta de operar com 100% de energia renovável. No entanto, a previsão de crescimento exponencial do consumo de eletricidade para suportar novas aplicações de IA tem levado a empresa a investir em pequenas centrais nucleares modulares (SMRs), como por meio da parceria com a X-Energy, para construir uma planta de 960 megawatts em Washington.

Na mesma linha, Erin Eckenrod, vice-presidente de produtos da AES Clean Energy, ressaltou que 93% da nova capacidade energética prevista para os próximos anos virá de fontes renováveis, como solar e eólica. No entanto, o desafio é garantir estabilidade e eficiência, tornando imprescindível o uso de IA para otimização de redes e de consumo.



## IA COMO CATALISADORA DA SUSTENTABILIDADE

Um olhar otimista sobre como a IA ajuda a melhorar a relação com as matrizes energéticas em vez de apenas consumir mais energia veio de Azeem Azhar, fundador da Exponential View. “O aumento da demanda de energia da IA não é uma ameaça climática, mas uma oportunidade geracional para impulsionar investimentos massivos em sistemas energéticos mais limpos”, analisou.

O crescimento da demanda elétrica pode impulsionar investimentos em infraestrutura energética mais limpa e eficiente. Segundo ele, o uso de IA pode acelerar a transição para um sistema energético mais inteligente e responsivo, reduzindo o desperdício e otimizando os fluxos de eletricidade.

Ele citou como exemplos o uso de tecnologia na otimização de trajetórias de voo, reduzindo emissões de CO<sub>2</sub> em até 30%, e na gestão de redes elétricas, permitindo que o consumo de eletricidade se adapte à oferta em tempo real. A chave para esse ciclo virtuoso está na combinação de investimentos massivos e regulações que incentivem fontes energéticas limpas em larga escala.

**AZEEM AZHAR**

FUNDADOR DA EXPONENTIAL VIEW

## ENERGIA

### Impacto na publicidade

O aumento da eficiência dos *data centers* e a transição para fontes de energia limpa impactam diretamente a forma como as marcas se posicionam em relação à sustentabilidade. Algumas tendências a serem consideradas são:

- **GREEN MARKETING COM BASE TECNOLÓGICA:** empresas que adotam energias limpas e IA para otimizar seus processos terão uma vantagem competitiva ao comunicar transparência e compromisso com o meio ambiente.
- **SUSTENTABILIDADE COMO DIFERENCIAL DE MARCA:** consumidores estão mais atentos à pegada de carbono das empresas. Negócios que incorporarem IA e energia limpa em seus processos podem explorar isso como diferencial.
- **IMPACTO NOS EVENTOS E NO ENTRETENIMENTO:** com dados comparando o consumo energético de *data centers* a eventos como o festival Coachella e a locais como a Disney, empresas de entretenimento e eventos também precisarão repensar suas estratégias de sustentabilidade.



# CLIMA

## Falta de engajamento dos decisores

Mais uma vez, a trilha de *Energia e Clima* no SXSW se mostrou esvaziada. Falta também, por parte do festival, dar um maior protagonismo ao tema nos palcos principais. Um dos destaques em torno da agenda aponta que já temos sistemas de monitoramento por satélite extremamente avançados, capazes de fornecer informações precisas e em tempo real sobre desastres naturais. O ICEYE é um exemplo de tecnologia que pode detectar inundações e incêndios com rapidez e eficiência, independentemente de condições climáticas, fumaça ou escuridão. Seus satélites criam mapas detalhados que mostram a progressão da água em alagamentos e a destruição causada por incêndios, permitindo uma resposta rápida e informada.

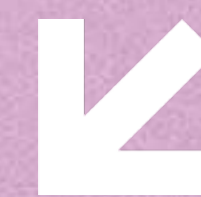






O problema, no entanto, não é a falta de tecnologia, mas a ausência de decisão. Autoridades e gestores públicos ainda adotam uma postura reativa, esperando que os desastres aconteçam para, então, agirem, em vez de usarem essas ferramentas para prever e prevenir catástrofes. Modelos de tomada de decisão ultrapassados, resistência à mudança e foco no curto prazo impedem que essas inovações sejam utilizadas em seu máximo potencial.

Se queremos minimizar o impacto de eventos extremos, é fundamental que governos, equipes de resposta e até seguradoras adotem um modelo preventivo, utilizando tecnologias como o ICEYE para antecipar riscos e agir antes que seja tarde demais. A tecnologia já está pronta. O que falta agora é a vontade política e o investimento para usá-la de forma eficaz.



# SAÚDE E MEDTECH

Soluções escaláveis e longevidade

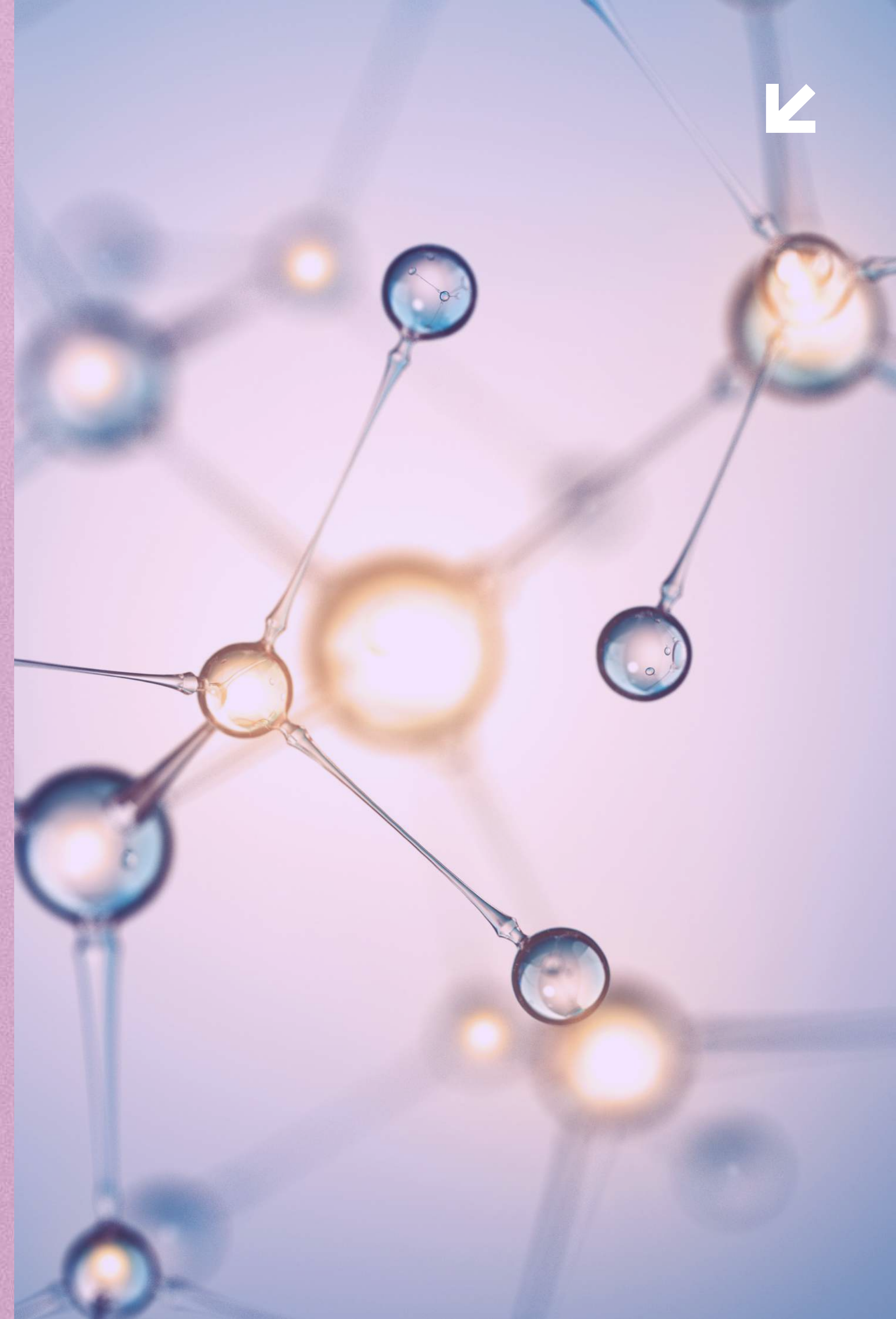


Os avanços em saúde seguem dois caminhos complementares: melhorias incrementais e soluções inovadoras de vanguarda. No primeiro grupo, destacam-se progressos como a produção de células-tronco a partir de células adultas, eliminando dilemas éticos ligados ao uso de embriões, e novas formulações de PrEP com posologia mais espaçada, que ampliam a eficácia na prevenção do HIV.

No campo das inovações disruptivas, a IA viabiliza a criação de duplos digitais celulares, permitindo simulações precisas para testar tratamentos de forma personalizada – um projeto liderado pela Chan Zuckerberg Initiative (CZI). Além disso, o espaço sideral se torna um laboratório acelerado, onde organoides e células envelhecem em microgravidade, possibilitando estudos mais rápidos sobre degeneração celular e novas abordagens para doenças neurodegenerativas.

## DUPLO DIGITAL DE UMA CÉLULA

A Chan Zuckerberg Initiative lidera o desenvolvimento do *Virtual Cell Models*, um duplo digital de células humanas criado com base em imagens e vídeos em nível molecular. O objetivo é compreender melhor o funcionamento das células, simular tratamentos e viabilizar cuidados médicos personalizados. A iniciativa busca desvendar questões fundamentais da biologia, como os mecanismos da diferenciação celular e o impacto de mutações genéticas na função celular. No longo prazo, espera-se que a tecnologia permita prever riscos de saúde, testar respostas a novos tratamentos e transformar o cuidado médico de reativo para preventivo. Priscilla Chan, uma das fundadoras do instituto, acredita que em até 20 anos os duplos digitais se tornarão um marco científico comparável ao sequenciamento genético ou à invenção do microscópio.



## O ESPAÇO COMO LABORATÓRIO ACELERADO

Já imaginou se fosse possível acelerar a evolução biológica de células da mesma forma que dobramos a velocidade de escuta de um podcast? O pesquisador brasileiro Alysson Muotri descobriu um método que se aproxima dessa ideia. Ao enviar células e organoides para a Estação Espacial Internacional, em parceria com a NASA, ele observou um fenômeno surpreendente: o chamado efeito de “**neurodegeneração espacialmente induzida**”. Em microgravidade, as células e os organoides envelhecem em dias o que na Terra envelheceriam em anos. Esse envelhecimento acelerado permite acompanhar mudanças moleculares nos organoides, compreender o impacto do ambiente espacial no envelhecimento dos neurônios e explorar potenciais tratamentos para doenças neurológicas como o Alzheimer, associadas ao avanço da idade.





## O QUE SÃO ORGANOIDES CEREBRAIS?

Organoides cerebrais são estruturas miniaturizadas cultivadas em laboratório que imitam o desenvolvimento e a função do tecido cerebral humano. Criados de células-tronco pluripotentes, eles formam sinapses e redes neurais, imitando a atividade cerebral. Embora não sejam cérebros completos, os organoides cerebrais oferecem um modelo único para compreender o funcionamento do cérebro humano e como as doenças podem afetá-lo. Isso os transforma em ferramentas valiosas para estudar doenças neurológicas, testar medicamentos e explorar novos tratamentos para distúrbios neurológicos como o Alzheimer ou o autismo.



## POTENCIAIS NOVOS TRATAMENTOS PARA O AUTISMO

Além do interesse científico, Muotri tem um motivo pessoal para se dedicar à pesquisa sobre o autismo: seu filho é autista severo e não verbal. Por isso, ele pesquisa organoides cerebrais de pessoas autistas, almejando entender o comportamento neuronal delas e buscar novos tratamentos para a condição neurodivergente.

Comparando organoides de autistas e de neurotípicos, sua equipe descobriu que crianças com síndrome de Rett (condição associada ao autismo) têm menos conexões sinápticas. Também identificaram que o IGF-1 (*insulin-like growth factor 1*) pode estimular essas conexões, sugerindo que algumas condições neurológicas podem ser reversíveis.

A partir dessa premissa, o laboratório de Muotri tem desenvolvido um dos primeiros potenciais tratamentos para a síndrome de Rett, utilizando terapia genética com o objetivo de melhorar a capacidade de aprendizado e reduzir a rigidez cognitiva dos pacientes. O pesquisador acredita que esses avanços abrirão caminho para novas abordagens terapêuticas para o transtorno.

“EM MICROGRAVIDADE, AS CÉLULAS E OS ORGANOIDES ENVELHECEM EM DIAS O QUE NA TERRA ENVELHECERIAM EM ANOS. ISSO PERMITE EXPLORAR POTENCIAIS TRATAMENTOS PARA DOENÇAS COMO O ALZHEIMER.”

**ALYSSON MUOTRI**

PESQUISADOR DA UNIVERSITY OF CALIFORNIA SAN DIEGO



## TERAPIAS COM CÉLULAS-TRONCO DE FORMA ÉTICA

Pesquisas com células-tronco não são uma grande novidade, mas agora cientistas encontraram maneiras de criá-las a partir de pessoas e não de embriões, o que evita dilemas éticos que impediam o avanço da tecnologia. Agora, estão surgindo os primeiros tratamentos com células-tronco para pacientes que sofrem com diabetes tipo 1 e epilepsia, com resultados promissores.

A Neurona Therapeutics, por exemplo, conduz testes clínicos que reduziram episódios diários de epilepsia para semanais, melhorando significativamente a qualidade de vida dos pacientes. Já para diabéticos, há o potencial de reprogramar células do próprio paciente para produzir insulina, reduzindo a dependência do hormônio sintético.

Segundo a *MIT Technology Review*, essa é uma virada decisiva na pesquisa com células-tronco, com impacto global e potencial de surgimento de novos tratamentos médicos.

**Pesquisas com células-tronco não são novidade, mas agora cientistas encontraram maneiras de criá-las a partir de pessoas e não de embriões, o que evita dilemas éticos.**





## PREP DE LONGA DURAÇÃO PARA CONTER O HIV

Todos os anos, mais de 1 milhão de pessoas são infectadas pelo HIV. As atuais opções de PrEP exigem uso diário, mas uma nova droga, o lenacapavir, promete mudar esse cenário. Desenvolvida pela Gilead Sciences, essa injeção semestral demonstrou 100% de eficácia nos testes clínicos realizados em Uganda e na África do Sul. O principal desafio agora é o custo, estimado em US\$ 40 mil por pessoa ao ano. No entanto, a fabricante já firmou acordos para produção de versões genéricas, que devem ser disponibilizadas em 120 países de baixa renda, tornando o tratamento mais acessível. A expectativa é que essa inovação ajude a reduzir significativamente a disseminação de HIV no mundo.



## LONGEVIDADE

O tema foi muito presente na agenda do SXSW, não apenas na trilha de *Saúde e Medtech*. Pesquisadores, profissionais da área e até bilionários apresentaram suas visões sobre viver mais, melhor e, quem sabe, para sempre. A abordagem mais excêntrica, e igualmente interessante, foi a do empresário americano Bryan Johnson, de 47 anos, conhecido por gastar cerca de US\$ 2 milhões por ano para voltar a ter 18 anos.

A photograph of Bryan Johnson, an entrepreneur, speaking on a stage. He is wearing a black t-shirt with a white infinity symbol logo and a necklace. He has his right arm raised and is looking towards the audience. The background is a blue stage backdrop with some text and graphics.

**BRYAN JOHNSON**

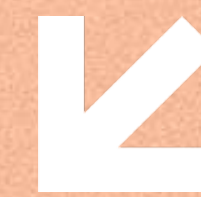
EMPRESÁRIO



**Com a longevidade, o SXSW também destacou a importância de os sistemas de saúde estarem mais preparados para lidar com uma população que viverá cada vez mais.**

Ele encerrou o festival, já no último dia, compartilhando seu protocolo *Don't Die* (não morra), uma espécie de guia alimentar para comer de forma consciente, enfatizando alimentos ricos em nutrientes e evitando escolhas alimentares prejudiciais. O guia é baseado em três pilares principais: carboidratos complexos, proteínas magras e gorduras saudáveis – além, claro, de sono de qualidade e atividades físicas regulares. No caso específico de Johnson, entram ainda na equação inúmeras terapias de plaquetas, plasma e troca de sangue, suplementação extrema e intervenções estéticas.

Outra visão que merece destaque é a do pesquisador Peter Attia, CEO da Early Medical, que abordou a longevidade como algo natural a partir do momento em que novas terapias, tecnologias e hábitos saudáveis são incorporados pela população. Ele destacou, no entanto, a necessidade de que os sistemas de saúde estejam igualmente preparados para esse novo contexto.



# CIDADES E MOBILIDADE

Tecnologia e design regenerativo

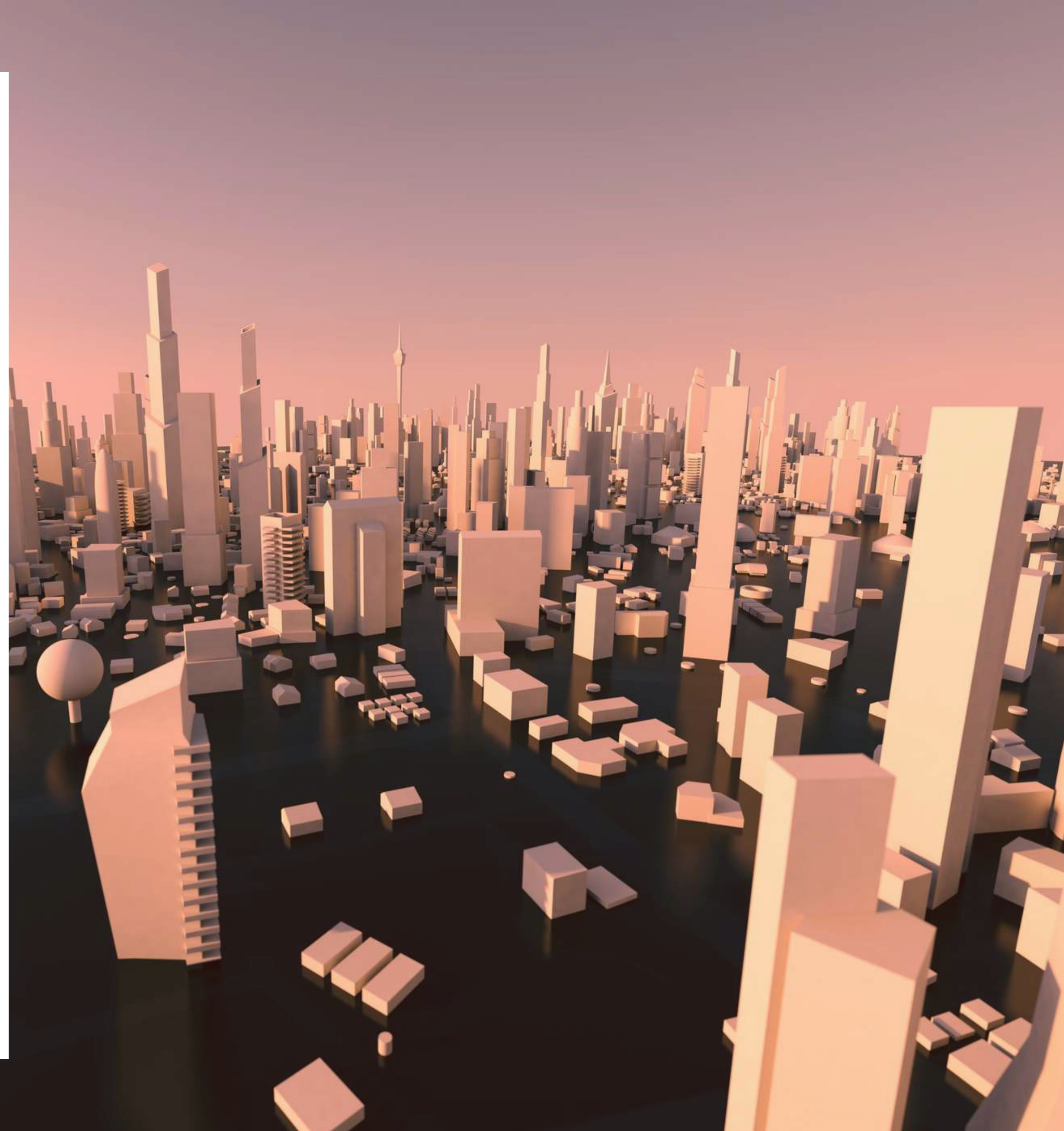


A transformação das cidades por meio da tecnologia está redefinindo a maneira como vivemos e interagimos com o ambiente urbano. No SXSW, profissionais da esfera pública e de empresas de tecnologia mostraram de que forma a integração entre inteligência artificial, modelagem digital e design regenerativo está criando cidades mais eficientes, sustentáveis e resilientes.

O avanço dos duplos digitais, da conectividade em tempo real e da autonomia de transporte continua a transformar as cidades. No entanto, mais do que a tecnologia, o verdadeiro desafio está na governança e no alinhamento coletivo para garantir que essas inovações melhorem a vida urbana. Duplos digitais podem ajudar a testar hipóteses de planejamento urbano e otimizar sistemas como o abastecimento de água, mas a coordenação entre gestores segue sendo o fator decisivo para a obtenção de avanços concretos.

## ■ DUPLOS DIGITAIS

Apresentado no contexto do novo urbanismo, **gêmeos digitais** são representações virtuais detalhadas de infraestruturas urbanas que podem ou não estar conectadas com dados em tempo real advindos de sensores espalhados pela cidade. Elas permitem simular cenários e prever problemas antes que eles ocorram no mundo real. Os gêmeos digitais otimizam o planejamento de transporte, a prevenção de enchentes e o desenvolvimento urbano, reduzindo custos e aumentando a eficiência. O CityScope é uma ferramenta de duplo digital para cidades criada pelo MIT Media Lab, que combina simulação digital com um modelo físico tátil feito de peças de LEGO. Utilizado em cidades como São Francisco, Boston e até em uma região do Chile, ele permite que urbanistas, governantes e outros tomadores de decisão explorem cenários urbanos em tempo real, interagindo fisicamente com o modelo e observando os impactos de diferentes intervenções. A plataforma utiliza dados reais para criar simulações baseadas em padrões atuais de movimentação na cidade e, assim, testar cenários hipotéticos.





## TECNOLOGIA E SERVIÇOS PÚBLICOS

A cidade de San José, na Califórnia, está na vanguarda da adoção de IA para melhorar serviços urbanos. A iniciativa **GovAI Coalition**, que reúne mais de 600 órgãos públicos, permite que novas ferramentas tecnológicas sejam testadas e implantadas rapidamente no local. Um exemplo disso é a otimização de rotas de ônibus, que reduziu em 50% o tempo de espera nos semáforos e acelerou as viagens em 25%. “Queremos identificar *startups* e tecnologias emergentes, aplicá-las a casos cívicos e testá-las a um custo relativamente baixo para nós”, analisa o prefeito de San José, Matt Mahan.

Em Bogotá, na Colômbia, outro caso de uso de gêmeos digitais possibilitou a redução do tempo de deslocamento em um terço e a diminuição dos desperdícios na construção em 25%. Outro projeto inovador é a **Eight Block Initiative**, que propõe reutilizar o calor gerado por *data centers* para abastecer edifícios próximos, criando um ecossistema energético eficiente e reduzindo a pegada de carbono das construções urbanas.



## ■ CIDADES INTELIGENTES

### Impacto na publicidade

A evolução das cidades inteligentes está transformando a relação entre marcas e consumidores. Algumas das principais tendências incluem:

- **VALORIZAÇÃO DA SUSTENTABILIDADE:** produtos e serviços que respeitam critérios ambientais ganharão mais relevância, impactando escolhas de consumo e estratégias de *branding*.
- **NOVOS ESPAÇOS DE CONSUMO:** com menos carros particulares e mais áreas verdes, surgem novas oportunidades para o varejo, como restaurantes e espaços de entretenimento.
- **PERSONALIZAÇÃO BASEADA EM DADOS URBANOS:** o uso de gêmeos digitais permitirá campanhas publicitárias hiperlocalizadas, com conteúdo adaptado ao contexto de cada bairro e de cada fluxo de pessoas.
- **MÍDIA EXTERIOR:** inventário de *out-of-home* evolui com a conectividade das áreas e se posiciona também como espaço de prestação de serviços.



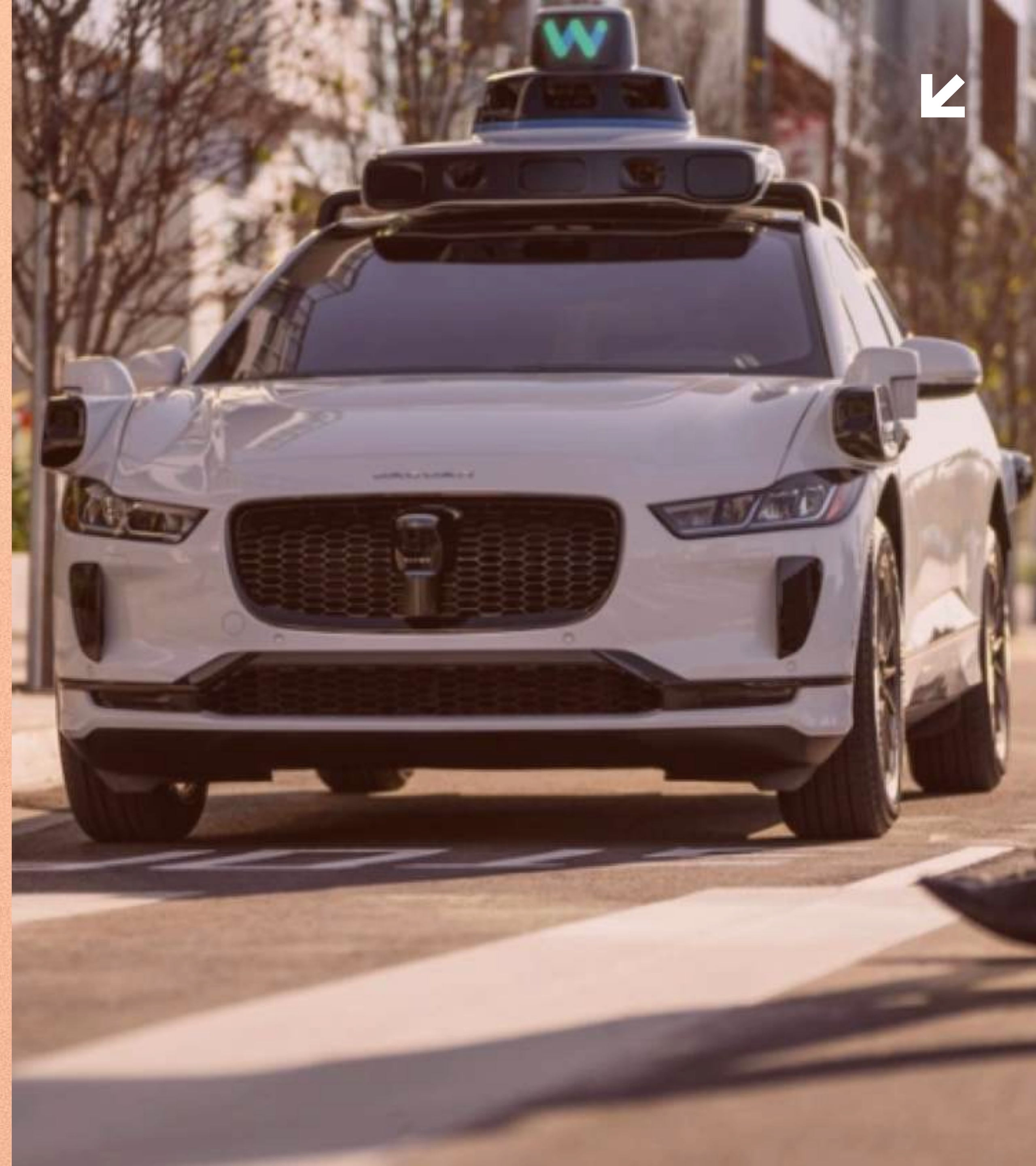


## BIKES AUTÔNOMAS EM CENTROS URBANOS

Semelhante ao conceito dos táxis-robô, o projeto de bicicletas autônomas do MIT Media Lab propõe um novo modelo de mobilidade compartilhada. Funcionando como um serviço sob demanda, as bicicletas podem se deslocar sozinhas até o usuário, que pedala até seu destino e, após a conclusão do trajeto, a bicicleta continua a operar de forma autônoma, assumindo outras funções, como entrega de encomendas, compartilhamento de bateria com outras bicicletas ou coleta de dados ambientais. Ninguém possui uma bicicleta específica: elas são um recurso urbano comum, ajustando-se dinamicamente às necessidades da cidade. Essa abordagem reduz o congestionamento e a dependência de automóveis, reestruturando o transporte urbano com mais flexibilidade, eficiência e sustentabilidade.

## CARROS AUTÔNOMOS NO MIX DE MOBILIDADE URBANA

Os carros autônomos estão entre os robôs mais avançados da atualidade, impulsionados pelo uso de inteligência artificial para aprimorar sua navegação e adaptar-se a diferentes cidades. Empresas como Waymo já operam serviços de táxis-robô em grandes centros urbanos dos EUA, conduzindo centenas de milhares de corridas por semana. Na China, o destaque é o Apollo Go, da Baidu, que cresceu 36% no último ano.





**Um dos grandes avanços dos carros autônomos está na capacidade de transferir o conhecimento adquirido em uma cidade para outra, reduzindo a necessidade de mapear manualmente cada rua.**

Um dos grandes avanços dessa tecnologia está na capacidade de transferir o conhecimento adquirido em uma cidade para outra, reduzindo a necessidade de mapear manualmente cada rua. Isso permite uma expansão mais rápida e eficiente do serviço.

No entanto, ao contrário do que se imaginava, esses carros não vão operar 24 horas por dia sem intervenção humana. Eles ainda precisam de abastecimento, limpeza e manutenção, além de lidarem com falhas pontuais que exigem supervisão. A expectativa da Waymo, por exemplo, é criar uma frota híbrida, em que motoristas coexistirão com os carros que circulam de forma autônoma pelas cidades.



## DESIGN REGENERATIVO

### Novo Austin Convention Center

O novo centro de convenções de Austin, principal local da conferência e de exposição do SXSW, promete ser um exemplo de como integrar melhor o espaço público da cidade a equipamentos de eventos sob a lógica do design regenerativo. Com início previsto para o mês de abril, a obra deve durar cerca de 4 anos e explora um conceito que vai além da sustentabilidade tradicional. O design regenerativo busca restaurar ecossistemas urbanos, promovendo construções que regeneram a biodiversidade e melhoram a qualidade de vida. Estruturas inspiradas na natureza utilizam ventilação natural, reaproveitamento de água da chuva e materiais biodegradáveis para criar ambientes urbanos mais saudáveis e equilibrados.



## EVTOL JÁ ESTÁ “NO AR”, MAS AGUARDA REGULAÇÃO

Os eVTOLs (veículos elétricos de decolagem e pouso vertical) estão deixando de ser apenas promessas e protótipos e já começam a realizar voos experimentais. Durante o SXSW, a empresa Lift Aircraft demonstrou o potencial dessas aeronaves, realizando em Austin testes nos quais passageiros puderam voar por alguns metros. Cada aeronave da Lift é capaz de transportar apenas uma pessoa e não apresenta espaço para porta-malas.

Apesar do impacto visual impressionante de aeronaves flutuando autonomamente pelos ares, os táxis aéreos ainda não iniciaram operações comerciais. A barreira não é mais tecnológica (a viabilidade técnica já foi demonstrada), mas sim a necessidade de aprovação regulatória. Atualmente, a indústria avança em testes de voo e certificações preliminares. No entanto, esses veículos ainda são classificados como experimentais e precisam passar por um processo rigoroso de validação por autoridades de aviação – como a FAA, nos EUA – antes de se tornarem um meio de transporte acessível ao público.





## FUTURO: A EVOLUÇÃO DA MOBILIDADE COM O V2X

Além dos avanços em carros e aeronaves autônomas, cidades e montadoras debatem o desenvolvimento de uma nova tecnologia de comunicação que permita a troca de informações entre veículos e diversos elementos do ecossistema de transporte. Esse conceito é conhecido como *V2X (Vehicle-to-Everything)*.



A proposta do V2X é criar uma rede em que os veículos possam se conectar a diferentes pontos do ambiente urbano, incluindo:

- **VEÍCULO-PARA-VEÍCULO (V2V):** permite que os carros comuniquem-se entre si, compartilhando informações sobre condições da rodovia, potenciais riscos e a situação do trânsito em tempo real.
- **VEÍCULO-PARA-INFRAESTRUTURA (V2I):** possibilita a troca de dados entre veículos e elementos da infraestrutura viária, como semáforos, placas e sensores, otimizando o tráfego e aumentando a segurança.
- **VEÍCULO-PARA-PEDESTRES (V2P):** conecta carros a dispositivos utilizados por pedestres, reduzindo o risco de acidentes e melhorando a segurança nas ruas.

- **VEÍCULO-PARA-REDE (V2N):** garante que os veículos recebam atualizações e alertas em tempo real, permitindo uma tomada de decisão mais informada.

O objetivo dessa tecnologia não é eliminar os acidentes, mas reduzir as taxas de fatalidade no trânsito, minimizar congestionamentos e oferecer suporte aos motoristas, criando um sistema de transporte mais eficiente. Com essa rede de comunicação, os veículos passam a “enxergar” melhor seu entorno e podem alertar condutores sobre riscos que talvez não estejam visíveis para os humanos, mas perceptíveis pelas máquinas. No longo prazo, a implementação desse *framework* de comunicação entre cidades e veículos inteligentes visa garantir a troca contínua de informações entre automóveis, infraestrutura urbana e sistemas de gerenciamento de tráfego, contribuindo para um trânsito mais fluido e seguro.



# GOVERNO E ENGAJAMENTO CÍVICO

A fronteira entre o inevitável, o urgente e o importante





Quem percorre os *keynotes* mais disputados do SXSW tem a sensação de ressaca generalizada. Se há algum tempo a tecnologia e as redes eram vistas como propulsoras de movimentos pela democracia, a sensação atual é de desalento diante da avalanche de desinformação e da guinada conservadora dos mandachuvas das *big techs*.

A trilha de *Governo e Engajamento Cívico* resistiu à tentação de abraçar extremos, ancorada em uma visão pragmática de quem acompanha de perto as relações entre empresas e governos, como ativistas da governança tecnológica e acadêmicos que estudam os rumos da democracia em tempos de hiperconexão.



Não faltaram críticas – mas uma leitura mais ampla deixa a sensação de que há luz para além do pessimismo apregoado nos palcos principais. “Boa parte das pessoas passou a enxergar a democracia como algo distante, que acontece nos gabinetes e só beneficia um pequeno grupo de privilegiados”, diz Kurt Gray, professor da University of North Carolina. “Para reverter a tendência, é preciso redesenhar a estrutura de incentivos para que os espaços virtuais favoreçam não apenas o consumo, mas também a cidadania.”

Os principais desafios da democracia abordados pelo festival – e como a tecnologia ajudaria a resolvê-los – podem ser reunidos em três grandes categorias.



## O INEVITÁVEL: atualizar os mecanismos de participação democrática

Para o cidadão médio, exercer a cidadania tem data e hora marcadas: no dia das eleições, por meio do voto. Em teoria, os eleitos ganham a legitimidade para representar a maioria. Esse mecanismo até funciona para definições de impacto em um território específico – como escolher a melhor opção de previdência ou de educação pública de um país –, mas nesse modelo há sinais de crise. Em 12 nações ricas mapeadas pelo Pew Research Center, a insatisfação com a democracia atingiu um recorde de 64% em 2024, uma queda de 12 pontos percentuais em 3 anos. No SXSW, ficou claro que é preciso adotar novos dispositivos de representação para lidar com problemas complexos da sociedade atual.





“A DEMOCRACIA PRECISA  
SER EXERCIDA DIARIAMENTE,  
COM MAIS INSTRUMENTOS  
ALÉM DO VOTO.”

**JOSH BURGESS**

FUNDADOR DA DEMOCRACYNEXT

Temas como mudança climática, governança tecnológica e política de imigração exigem cooperação internacional, pois não serão resolvidos apenas por governantes locais. Decisões pouco consensuais também são postergadas, pois os eleitos temem perder apoio. “A democracia precisa ser exercida diariamente, com mais instrumentos além do voto”, diz Josh Burgess, fundador da DemocracyNext, cuja missão é tornar mecanismos de consulta direta mais disseminados.

Um modelo para isso são as assembleias de cidadãos, em que grupos estatisticamente representativos debatem temas e elaboram sugestões ao poder público, aprovando apenas as propostas com pelo menos 75% de apoio. Recentemente, uma assembleia coordenada pela DemocracyNext em Bend, Oregon, formulou 23 recomendações sobre a questão dos jovens sem-teto. No âmbito global, uma assembleia internacional de cidadãos está sendo organizada com o apoio do Brasil para propor diretrizes para a COP 30, que ocorrerá em novembro de 2025 na cidade de Belém, no Pará.



## O URGENTE: fechar a fratura social que inviabiliza o consenso

O conceito de polarização tem se mostrado insuficiente para caracterizar a cultura de aversão ao diferente nas redes. No SXSW, isso foi descrito como um abismo que coloca a democracia em risco. “Vivemos uma cultura de *distraction by design*, na qual são construídos labirintos informacionais que colocam as pessoas em rota de colisão”, diz Nora Benavidez, da Free Press, especializada em mídia e tecnologia.





“AS NOVAS GERAÇÕES ESTÃO CRESCENDO EM UM MUNDO ONDE APARENTEMENTE NÃO É POSSÍVEL CONCILIAR PERSPECTIVAS DIFERENTES, MAS ISSO NÃO PODE SER ACEITO COMO VERDADE ABSOLUTA.”

**RAJIV VINNAKOTA**

LÍDER DO INSTITUTE FOR CITIZENS & SCHOLARS

O evento trouxe experimentos que tentam resgatar a busca por consensos. Um deles, liderado pelo Institute for Citizens & Scholars, capacita líderes para facilitar conversas sobre temas controversos e promover a colaboração. “As novas gerações estão crescendo em um mundo onde aparentemente não é possível conciliar perspectivas diferentes, mas isso não pode ser aceito como verdade absoluta”, diz Rajiv Vinnakota, líder do instituto.

A iniciativa inclui parcerias com universidades, concessão de bolsas de pesquisa e *workshops* para empresas interessadas em fomentar a tolerância. A necessidade disso ficou evidente numa fala da senadora democrata Elizabeth Warren. Questionada pela jornalista Kara Swisher se se sentia ameaçada por ser uma das vozes mais críticas ao governo Trump, Warren respondeu: “Sabe qual é a parte mais difícil da pergunta que você fez? É que eu não quero respondê-la publicamente.”

## O IMPORTANTE: usar a tecnologia para resolver problemas imediatos

O SXSW é conhecido por valorizar iniciativas de *gov tech*, mas, em 2025, o foco esteve em como engajar cidadãos com tecnologias simples para resolver problemas urgentes.

A ex-ministra de Assuntos Digitais de Taiwan, Audrey Tang, compartilhou exemplos que a tornaram conhecida como “*hacker cívica*” pela imprensa internacional. Durante a pandemia, ela liderou a criação de um mapa interativo de disponibilidade de máscaras. Feito em código aberto, o mapa era atualizado pela própria população, convocada em campanhas de comunicação. Em três meses, um terço dos taiwaneses havia utilizado a ferramenta. “As pessoas adotam tecnologias quando percebem seu benefício coletivo”, afirma Tang.

**AUDREY TANG**

EX-MINISTRA DE ASSUNTOS DIGITAIS DE TAIWAN





“PRECISAMOS USAR A TECNOLOGIA PARA ENCONTRAR PONTOS EM COMUM, NÃO APENAS PARA AMPLIFICAR AS CONTRADIÇÕES QUE INFLAMAM OS ÂNIMOS. ESTÁ NA HORA DE CRIARMOS MAIS ALGORITMOS PRÓ-SOCIAIS.”

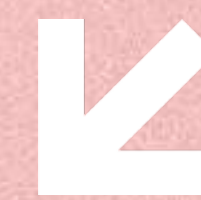
**AUDREY TANG**

EX-MINISTRA DE ASSUNTOS DIGITAIS DE TAIWAN

Outro exemplo é a rede social vTaiwan, que promove consultas públicas para fomentar participação cívica. “Precisamos usar a tecnologia para encontrar pontos em comum, não apenas para amplificar as contradições que inflamam os ânimos”, diz Tang. “Está na hora de criarmos mais algoritmos pró-sociais.”

No mesmo painel, o advogado brasileiro Ronaldo Lemos, fundador do Instituto Tecnologia e Sociedade, abordou a experiência do orçamento participativo no Brasil. Usado por governos locais desde os anos 1980, esse dispositivo social permite que a população decida sobre o destino de recursos públicos. Recentemente, um conselho da Presidência recomendou sua adoção no processo de feitura do orçamento federal. “A antropofagia cultural brasileira nos permite absorver ideias de todo lugar e criar soluções inovadoras”, diz Lemos. “Que isso inspire novos empreendedores cívicos a criar, testar e aperfeiçoar ferramentas de participação direta.”





# TRABALHO

Múltiplas possibilidades,  
poucas respostas



Nas esquinas do principal centro de convenções do SXSW, um grupo de jovens distribuía um livro de título sugestivo: *The Future of No Work*, do consultor de tecnologia Filip Drimalka. A ênfase no "No Work" faz sentido em sua teoria, já que Drimalka aposta que a inteligência artificial vai avançar a tal ponto que os trabalhadores poderão, enfim, deixar a tecnologia cuidar de toda tarefa que os aborrece, trabalhar apenas com o que gostam ou simplesmente não fazer nada.

Nos palcos do SXSW, a discussão foi mais profunda – e, talvez por isso, com menos certezas. A promessa de um futuro idílico deu espaço a preocupações concretas. A dificuldade de dar sentido ao emaranhado de informações desconexas; o imperativo para que empresas adotem modelos de trabalho flexíveis; e o componente humano das relações que se forjam nos escritórios ganharam destaque em painéis cheios de hipóteses, mas com poucas respostas definitivas. “A transformação é tão profunda que vai forçar trabalhadores e líderes a repensarem as motivações mais básicas para sair da cama e ir trabalhar”, diz a socióloga Tracy Brower, autora de *The Secrets to Happiness at Work* e *Bring Work to Life by Bringing Life to Work*, ambos sem edição em português.

Diante do retrocesso recente em programas de diversidade, equidade e inclusão de empresas de todos os setores nos EUA, a provocação mais original veio do futurista Rishad Tobaccowala: “Quando você ouvir de alguém que é preciso deter os esforços de DEI, peça para essa pessoa esquecer a sigla e falar exatamente o significado de cada letra”, disse ele. “Nenhum profissional sensato é capaz de reafirmar que é contra a diversidade, a equidade e a inclusão quando se sabe que a maioria dos trabalhadores *gen Z* que está chegando ao mercado de trabalho é de origem não branca.”



## Mais tem sido menos

Feita com 200 executivos das 500 maiores empresas listadas pela *Fortune* e com 12 mil trabalhadores de diferentes áreas de conhecimento, uma pesquisa lançada no SXSW mostra que a promessa de que a tecnologia vai simplificar a vida nas corporações está longe de se concretizar. Apesar da pressão por mais eficiência, 98% dos executivos afirmam que suas equipes ainda não conseguem usar IA para eliminar silos.

Estima-se que impressionantes 2,4 bilhões de horas de trabalho são desperdiçadas anualmente nas 500 maiores empresas da *Fortune* apenas na busca de informações úteis. “Os times nunca tiveram tanta informação disponível e, paradoxalmente, nunca estiveram tão mal-informados”, diz Annie Dean, VP da Atlassian Consultoria, responsável pelo estudo. À primeira vista exagerada, a avaliação fica realista





quando se leva em conta outro dado da pesquisa: 50% dos funcionários mais qualificados frequentemente descobrem que estão repetindo o trabalho já feito por outro colega. “A tecnologia nos proporciona um mundo de informações, mas falta aos humanos aprender a usá-la em seu favor”, aponta Dean.

Para a Atlassian, a solução passa por fazer planejamentos factíveis e com metas claras, usar o potencial da IA para tornar *insights* mais visíveis e organizar a informação de forma simples, de modo a não drenar a produtividade. “Há muito a avançar para evitar que o ceticismo em relação ao potencial da tecnologia contamine os trabalhadores”, afirma a consultora.

“A TECNOLOGIA NOS  
PROPORCIONA UM MUNDO DE  
INFORMAÇÕES, MAS FALTA  
AOS HUMANOS APRENDER A  
USÁ-LA EM SEU FAVOR.”

**ANNIE DEAN**

VP DA ATLISSIAN CONSULTORIA

## PERGUNTAS PARA O FUTURO

Na visão do futurista Rishad Tobaccowala, a mudança estrutural no mundo do trabalho exigirá dos líderes flexibilidade e um esforço cada vez maior de adaptação. Autor de *Rethinking Work*, ainda sem edição em português, Tobaccowala elenca 6 perguntas-chave para entender o novo momento.





## 1. Para quem as pessoas vão trabalhar?

Modelos de negócios recentes, como os *marketplaces*, ampliaram as possibilidades de geração de renda, o que leva a um possível fracionamento irreversível do trabalho.

## 2. Como as organizações vão ser?

Extremamente fluidas, compostas por times que misturam trabalhadores exclusivos, empregados *part-time* e fornecedores em todo canto do mundo. Esse cenário vai demandar novos processos para manter a produtividade no trabalho assíncrono.

## 3. Por que as pessoas trabalharão?

Esqueça o paradigma binário do trabalhar pelo dinheiro ou pelo propósito. Com a fragmentação das atividades, será muito mais comum ver pessoas que dedicam um tempo significativo ao que lhes garante sustento, ao mesmo tempo em que trabalham por uma causa.

## 4. Onde as pessoas trabalharão?

De qualquer lugar: no metaverso, em casa, em outro país, em um carro autônomo, enquanto se deslocam para outro trabalho. Depois de uma pandemia que provou a capacidade de adaptação e novas tecnologias que permitem a conexão, o trabalho exclusivo no escritório ficará mais distante.

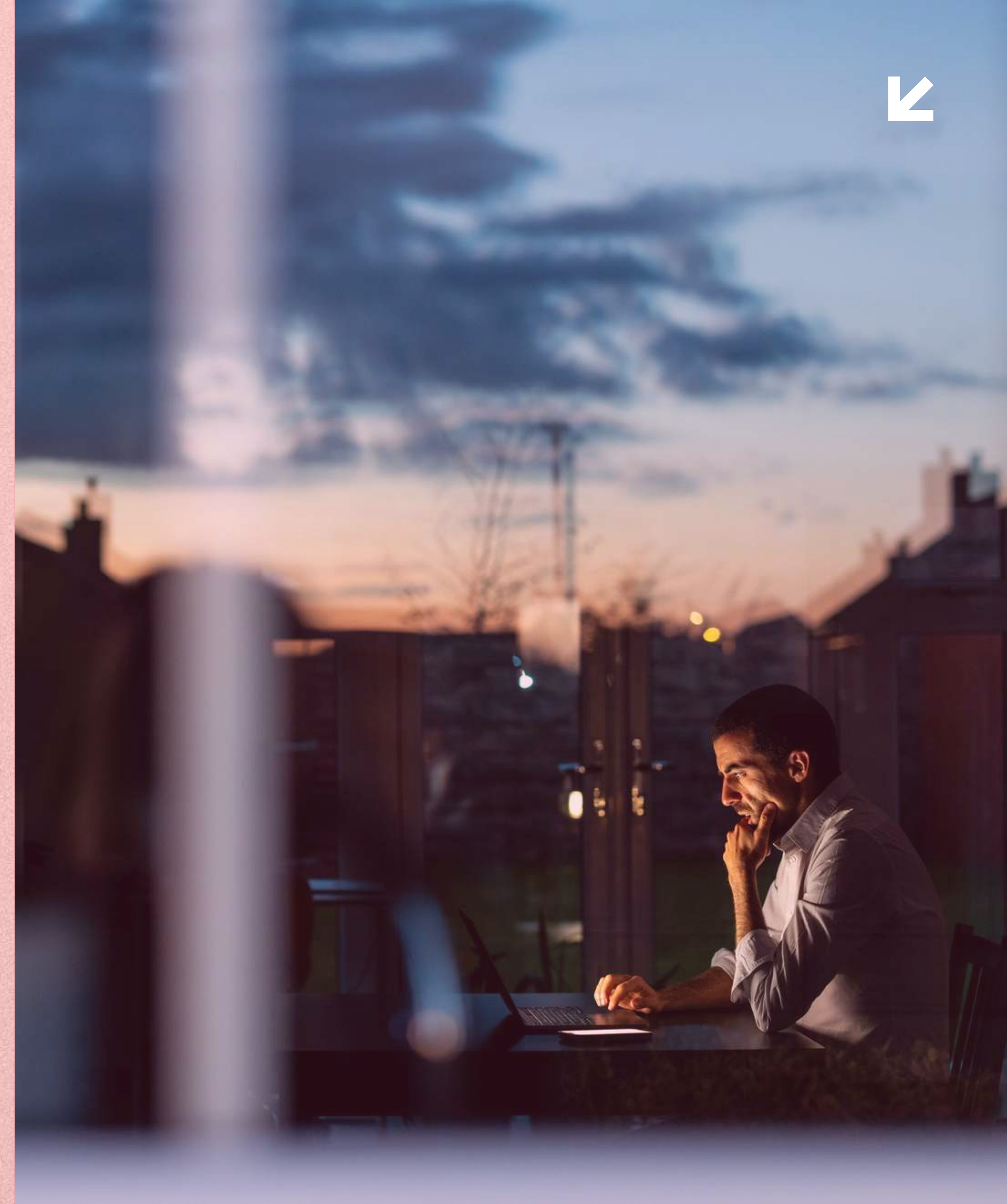


## 5. Quando as pessoas trabalharão?

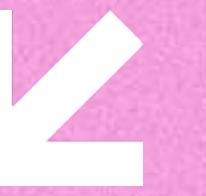
A qualquer hora, quando lhes parecer melhor. Com mais ferramentas de colaboração, cada pessoa poderá aproveitar o momento do dia em que se sente mais produtiva. “Ninguém escolhe a hora em que as boas ideias aparecem”, diz Tobaccowala.

## 6. Como o papel da liderança vai mudar?

Saem os gerentes e chefes, entram os líderes. Na medida em que a tecnologia tira da frente o trabalho processual, emerge um perfil de liderança capaz de destravar o que existe de mais humano em um trabalhador experiente, um mentor que impulsione o crescimento de empregados e do negócio, que consiga improvisar diante de novas dificuldades e que promova uma cultura de educação contínua.







# REALIDADE ESTENDIDA

Futuro do storytelling imersivo



A realidade estendida (XR) está revolucionando a maneira como contamos histórias, integrando os espaços físico e digital para criar experiências mais imersivas e interativas. No SXSW, especialistas destacaram de que forma a XR está transformando indústrias como entretenimento, educação e varejo. Entre os destaques, a pesquisadora Stephanie Riggs, cofundadora da empresa NiaXP, apresentou o conceito de narrativas quânticas.

# O QUE SÃO NARRATIVAS QUÂNTICAS?

As narrativas quânticas propõem um novo modelo de *storytelling* inspirado na física quântica. Em vez de histórias lineares e fixas, esse formato permite que a narrativa se adapte em tempo real às interações do espectador, criando experiências únicas.





- **O PARADOXO NARRATIVO:** quanto mais interatividade, menos controle o autor tem sobre a história. As narrativas quânticas resolvem isso permitindo múltiplas possibilidades narrativas simultâneas.
- **NA PRÁTICA:** um objeto na história, como uma maçã, pode mudar de significado conforme a interação do espectador: um cientista pode vê-la como um experimento; um monge pode ignorá-la; um personagem pode mordê-la, transformando-a em um símbolo narrativo; e assim por diante.
- **NEUROCIÊNCIA E STORYTELLING:** o formato se ajusta ao estado emocional do usuário, aumentando a imersão e tornando cada jornada única.

Ao integrar princípios da física e da inteligência artificial, as narrativas quânticas transformam o espectador em coautor da experiência, redefinindo o futuro do *storytelling* interativo.

**Ao integrar princípios da física e da inteligência artificial, as narrativas quânticas transformam o espectador em coautor da experiência, redefinindo o futuro do storytelling interativo.**

## ■ O QUE É XR?

A realidade estendida (XR) agrupa tecnologias que transformam nossa interação com narrativas:

- **REALIDADE AUMENTADA (AR):** adiciona camadas digitais ao mundo real, como experiências turísticas interativas.
- **REALIDADE MISTA (MR):** permite interação entre elementos físicos e digitais e é utilizada em simuladores médicos e em treinamentos imersivos.
- **REALIDADE VIRTUAL (VR):** cria mundos digitais imersivos, como filmes em 180° e 360°, transportando o espectador para dentro da história.

Essas tecnologias tornam as narrativas mais impactantes, influenciando cinema, teatro e publicidade.





# SPATIAL STORYTELLING

## Narrativas integradas ao espaço

Diferentemente das narrativas lineares, o *spatial storytelling* utiliza o espaço como parte ativa da história. O público interage com o ambiente, tornando-se parte da narrativa.

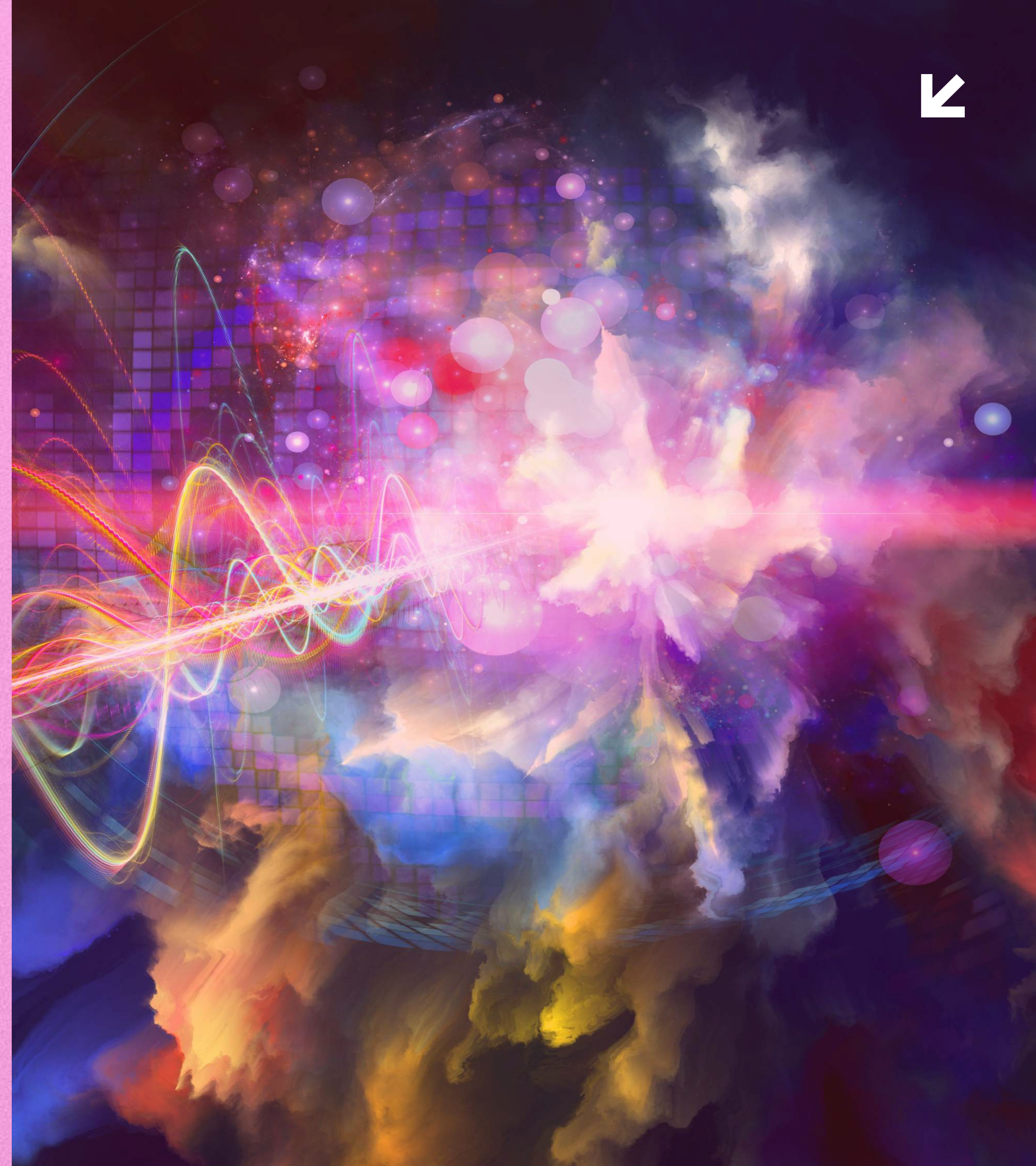


- **INTEGRAÇÃO COM O ESPAÇO:** histórias são distribuídas no ambiente, seja em museus, em parques temáticos ou no metaverso.
- **IMERSÃO E INTERATIVIDADE:** jogos como *The Legend of Zelda: Breath of the Wild* e experiências interativas como *Black Mirror: Bandersnatch* mostram como os espectadores se tornam coautores da história.
- **USO DE TECNOLOGIA E SENSORES:** ferramentas como AR, VR e MR transformam qualquer ambiente em um cenário interativo, aplicável em arte, educação e entretenimento. Exemplos incluem aplicativos de AR no Museu do Louvre, que revelam camadas ocultas de obras de arte, e a peça teatral imersiva *Sleep No More*, uma adaptação de *Macbeth*, de William Shakespeare, na qual os espectadores exploram a história no ritmo que desejarem.

**Ferramentas como AR, VR e MR transformam qualquer ambiente em um cenário interativo, aplicável em arte, educação e entretenimento.**

## VR, XR E HYPE: Qual é o verdadeiro impacto nos negócios?

Embora as tecnologias XR apresentem um enorme potencial, uma dúvida persiste: quanto dessas tecnologias está realmente transformando negócios e quanto ainda é apenas *hype*? O painel do SXSW destacou aplicações práticas, mas a questão da escalabilidade ainda é um desafio. No caso da Realidade Virtual (VR), por exemplo, sua adoção em massa segue limitada por barreiras como custo, infraestrutura e a própria aceitação do público. A promessa da XR é grande, mas sua real aplicabilidade comercial ainda está em construção.







## ■ XR

### Impactos na publicidade

A Realidade Estendida cria novas formas de engajamento para marcas e campanhas:

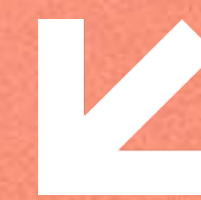
- **EXPERIÊNCIAS INTERATIVAS:**  
a publicidade em XR permite que consumidores interajam com os produtos antes de comprá-los.
- **NARRATIVAS PERSONALIZADAS:**  
*storytelling* dinâmico com IA ajusta o conteúdo conforme a interação do usuário.
- **ENGAJAMENTO MULTISSENSORIAL:**  
o uso de *haptics*, *eye-tracking* e IA generativa melhora a imersão.



# STORYLIVING NA PRÁTICA

Tendências como o *storyliving* – em que o usuário vive a história por dentro – estarão cada vez mais presentes, transformando a relação entre marcas e consumidores. “Aqui, você está no centro da narrativa. Trata-se de presença, empatia e conexão”, analisa Simone Kliass, especialista no tema e cofundadora da XRBR.

O conceito orientou a criação do projeto mais comentado do ano na exposição de XR do SXSW, o *All I Know About Teacher Li*, documentário dirigido por Zhuzmo sobre censura e ativismo digital na China. Por meio da experiência imersiva, o projeto permite aos espectadores jogarem aviões de origami em uma grade digital, o que desbloqueia relatórios proibidos do ativista exilado Teacher Li. A experiência dos chineses sob um confinamento draconiano, em que os moradores morriam de fome e cometiam suicídio, é ocultada do povo chinês. A violência na cidade de Shenzhen, por exemplo, é desconhecida em Pequim devido a uma censura rigorosa.



# CREATOR ECONOMY

Das parcerias transacionais às estratégias  
de negócios



Durante o SXSW, a trilha temática de *Creator Economy* cravou uma mensagem clara, especialmente aos profissionais de marketing: marcas que querem se manter relevantes precisam ir além do alcance e construir pertencimento.

Se antes os criadores eram considerados canais de mídia para ações pontuais e transacionais, agora eles são vistos como estrategistas (e até sócios) das marcas, além de cocriadores de soluções, produtos e experiências. Nesse sentido, a inteligência artificial amplifica mensagens e escala a distribuição.

Não se trata mais de contratar um *creator* para divulgar um produto, mas de integrá-lo ao processo de construção de marca, de desenvolvimento de comunidades e até de negócios, como destacou Sandy Carter, CEO da Unstoppable Domains: “O futuro não é sobre ser criador. É sobre construir negócios que usam conteúdo como motor principal.”

**SANDY CARTER**

CEO DA UNSTOPPABLE DOMAINS





## CROCS

### *Social listening* e fãs engajados

A marca de calçados Crocs apresentou no SXSW o que considera ser a base fundamental para o sucesso na *Creator Economy*: por meio de *social listening*, identificar seguidores engajados e trazê-los para perto; aproveitar e impulsionar o conteúdo gerado naturalmente por eles; e estabelecer um trabalho colaborativo (e remunerado) com personalidades que já usam a marca. A empresa tem o entendimento de que as ferramentas de comunicação e mídia ditas tradicionais não seriam mais suficientes para ampliar de modo significativo sua base de clientes. “Sabíamos que, se fizéssemos o marketing tradicional, não teríamos como convencer as pessoas a comprar Crocs”, avalia Kelly Molnar, vice-presidente de marketing.

# GAMES

## Oportunidade para quem já faz parte do jogo

O tempo médio de atenção nas redes sociais caiu para apenas 1,3 segundos nos últimos 2 anos, mas, dentro dos ambientes dos *games*, essa atenção saltou para 11 minutos, destaca Charles Hambro, CEO da GEEIQ. “Existe uma oportunidade enorme para as marcas que têm uma conexão real com esse universo. Mas é preciso entender a dinâmica dos ecossistemas e, principalmente, o que faz sentido para essas comunidades. Isso só acontece com um *social listening* muito profundo, além da conexão dos produtos e serviços com os *games*. Não adianta querer se aventurar nessas camadas se não há conexão”, analisa Gracie Arenas, diretora de artes eletrônicas da Tiburon Technical Operations.





A Geração Z e a Geração Alpha já utilizam plataformas como *Roblox* e *Fortnite* não apenas para jogar, mas para socializar e consumir conteúdo. Esses ambientes são espaços altamente imersivos e representam um território estratégico para marcas que desejam criar conexões mais profundas.

Marcas de luxo como Gucci e Balenciaga já investiram fortemente nesses universos, mas o desafio agora é como outras empresas podem explorar esse espaço sem orçamentos milionários. A resposta pode estar na parceria com criadores de conteúdo *gamers*, que já possuem audiências estabelecidas e podem integrar marcas de forma autêntica dentro desses ecossistemas.





# JORNALISMO

Fluidez e impacto da inteligência artificial



O jornalismo deve ter verdade e precisão em seu DNA, mantendo sua característica fundamentalmente humana. Contudo, precisa ser fluido, para se adaptar a diferentes gerações, formatos de consumo, plataformas e até mesmo modelos de negócio. Essa é uma das mensagens do SXSW em torno do tema.

Com a explosão da adoção da IA nas redações – sobretudo após 2023, com a popularização dos modelos generativos –, houve uma padronização na informação, que minou a reputação do jornalismo. Conseqüentemente, a confiança do leitor também sofreu um forte abalo. Soma-se a isso a extrema polarização, que coloca veículos de imprensa em caixas ideológicas, e o cenário se torna extremamente hostil para as organizações.

## IA NAS REDAÇÕES

A transformação das redações promovida pela IA precisa ser acompanhada sempre de dois pontos: olhar humano e transparência com o leitor. É o que defende Rubina Fillion, diretora editorial para Projetos de IA do *The New York Times*. Ao lado de representantes da agência Associated Press e do jornal sueco *Aftonbladet*, ela reforçou a importância de os veículos terem seus próprios modelos de LLM, para auxiliar na experiência mais personalizada dos usuários e, também, como meio de explorar comercialmente o ativo que é o legado histórico das publicações.





Rubina deixou claro que a grande estrutura do *NYT* voltada à IA (que conta com engenheiros, editores, designer de produto e redatores) funciona de acordo com a missão do veículo: buscar a verdade e ajudar as pessoas a compreenderem melhor o mundo. Essa missão foi incorporada pelo time de IA.

Usos importantes da IA na redação do jornal:

- análise do legado da publicação (como a seção *52 lugares para se visitar*, no ar ao longo de 20 anos, e a identificação de impactos da mudança climática);
- alterações de textos e de linguagem nos *sites* do governo americano após a posse de Donald Trump;
- utilização em casos judiciais, sobretudo para analisar longas audiências.

**Com a explosão da adoção da IA nas redações, houve uma padronização na informação. Conseqüentemente, a confiança do leitor também sofreu um forte abalo. Soma-se a isso a extrema polarização, que coloca veículos de imprensa em caixas ideológicas.**

## AGENDA PARALELA

Simultaneamente ao SXSW, a cidade de Austin recebeu a *AI × Journalism House*, promovida pela Hacks/Hackers em parceria com a Online News Association, no prédio do *Texas Tribune*. Debates importantes emergiram no espaço.

Na sessão *AI, Innovation, and the Reinvention of Legacy Industries*, Amanda Edmonds, vice-presidente de parcerias da ProRata.ai, e Virginia Fletcher, CTO da Lee Enterprises, apostaram numa discussão instrumental sobre um problema para os *publishers*: o legado. “Seu conteúdo não pode ser fluido se seu banco de dados é um ‘Frankenstein’”, disse Fletcher.





É preciso “organizar a casa”, estruturar o máximo possível, em tarefas de longo prazo, para que sua organização possa explorar a fluidez do conteúdo com IAs que personalizam a experiência; monetizar a partir do volume de dados a ser usado para que empresas de IA possam treinar seus modelos (e remunerar); e consolidar uma base de dados que permita aos grupos de mídia dependerem menos da distribuição – é possível adaptar para qualquer plataforma, via APIs customizadas – e focar mais no seu público.

Já no painel ***Roles for People in the AI Powered Newsroom***, Hanaa Rifaey, diretora-executiva, e Meghan Murphy, diretora de programas, ambas da Online News Association, ofereceram um debate sobre o papel da IA nas redações. A dupla apresentou uma extensa pesquisa sobre o jornalismo, com foco na alarmante conclusão: metade dos jornalistas acredita que as organizações prestam pouca atenção tanto aos riscos quanto aos benefícios da IA.

Entre as principais funções para a IA nas redações, foram elencadas:

- **Criar tempo:** realizar tarefas repetitivas e criar códigos que permitam aos jornalistas focar no conteúdo e no impacto para as audiências.
- **Engajar, criar, engajar:** moderar comentários, fomentar interações e, dos dados gerados pelas audiências, criar pautas e conteúdos. Depois, reiniciar o ciclo.
- **Personalizar:** a partir de *clusters* de audiências, *bots* podem criar experiências únicas, adaptar resumos (mais complexos ou mais simples, de acordo com variáveis como faixa etária, gênero, plataforma, conexão) e criar vídeos, áudios e textos a partir de... vídeos, áudios e textos.

# INNOVATION AWARDS





# PROJETOS E STARTUPS MAIS INOVADORES DO ANO

## 1 – People's Choice Award

### SMART LIPSTICK

(Brasil)

O Grupo Boticário, em parceria com o CESAR Innovation Hub, desenvolveu o protótipo de um batom inteligente para pessoas com alguma limitação motora ou visual. Com um sistema de aplicação em apenas 2 minutos, o Smart Lipstick é resultado de 7 anos de pesquisa e combina IA, robótica e visão computacional, promovendo a inclusão.

## 2 – Best in Show

### SOLAR SPELL

(Estados Unidos)

Com o objetivo de levar informação confiável para populações que não têm acesso à internet, a Solar Spell é a primeira biblioteca digital do mundo movida a energia solar. Feito com plástico reciclado e resistente à água, o equipamento oferece conteúdo multimídia, com curadoria específica para atender às demandas de conhecimento de cada região. Foi criado na Arizona State University, nos EUA.





# PROJETOS E STARTUPS MAIS INOVADORES DO ANO

## 3 – Artificial Intelligence

### **SELF-BALANCING EXOSKELETON BY WANDERCRAFT**

**(Estados Unidos)**

Esse equipamento da Wandercraft explora a tecnologia assistiva, a fim de garantir mais mobilidade para pessoas com limitações ou impedimentos para se locomover. O projeto utiliza os recursos mais recentes da robótica para oferecer mais independência às pessoas com deficiência, além de combater problemas relacionados ao sedentarismo.

## 4 – Audio Experience

### **“I SEE MUSIC”!**

**(Estados Unidos e França)**

Uma nova forma de ver, aprender e criar música. Utilizando IA, a Synegram transforma música em formas geométricas. Assim, é possível visualizar intervalos, coros e melodias de maneira espacial, usando a escala de 12 notas musicais como base. Essa representação geométrica destaca a relação entre notas e harmonias, oferecendo uma nova e inspiradora perspectiva ao transformar a música em uma experiência visual.



# PROJETOS E STARTUPS MAIS INOVADORES DO ANO

## 5 – Community Empowerment

### SHARE@MEALCONNECT

(Estados Unidos)

A Share@MealConnect é uma plataforma que facilita a doação de alimentos frescos para uma rede nacional estadunidense de bancos alimentares, que promovem a redistribuição de comida no país. O objetivo é minimizar o desperdício de alimentos e reduzir a fome e a insegurança alimentar, ao conectar distribuidores a doadores (como agricultores e donos de restaurante, por exemplo).

## 6 – Connection and Communication

### 855-HOW-TO-QUIT-(OPIOIDS)

(Estados Unidos)

Essa linha de apoio conecta pessoas que conseguiram vencer o vício em opioides a quem ainda está lutando contra ele. Basta digitar 855 e o código de cada medicamento, que vem obrigatoriamente impresso. Ao telefonar, a pessoa ouve o depoimento de quem conseguiu se curar do vício naquele medicamento e, em seguida, orientações de especialistas. Desse modo, o próprio causador do vício se torna um meio para escapar dele.



# PROJETOS E STARTUPS MAIS INOVADORES DO ANO

## 7 – Health & Biotech

### **BETTERWAY: BLOOD TESTING**

### **REIMAGINED**

**(Estados Unidos)**

BetterWay é um novo modelo de exame de sangue, lançado pela Babson Diagnostics, que ajuda a monitorar várias doenças. O equipamento recolhe apenas algumas gotas de sangue de um dos dedos da mão, e o resultado sai em 1 a 2 dias. O exame pode ser feito em farmácias e a um custo acessível, facilitando o acesso a esse tipo de teste.

## 8 – Interface Design

### **POSHA: YOUR FAMILY'S PRIVATE**

### **ROBOT CHEF**

**(Estados Unidos)**

Posha é um robô-chef, idealizado para pensar e cozinhar como um humano, e era anteriormente conhecido como Nimble. Ele funciona como se fosse um chef particular da família, com capacidade para cozinhar sozinho, seguindo cada etapa das centenas de receitas disponíveis. Basta escolher uma delas e colocar os ingredientes. Em seguida, Poshha faz o trabalho dele e entrega a refeição pronta.



# PROJETOS E STARTUPS MAIS INOVADORES DO ANO

## 9 – Product Design

### THE DAYLIGHT COMPUTER

(Estados Unidos)

Esse *tablet* promete mudar a relação do usuário com a tela, por se parecer mais com uma espécie de “papel vivo” do que com uma máquina. A luminosidade da tela é mais confortável ao olho humano e o conteúdo nela flui de maneira mais orgânica. Por isso mesmo, é apresentado como o primeiro computador *human-friendly*, mais agradável para a mente e para os olhos, ajudando a se concentrar e promovendo mais calma, menos distrações, menos vício em telas e menos desgaste da visão.

## 10 – Sustainability Solutions

### ULUU

(Austrália)

Produto feito com material biodegradável, escalável, renovável e sustentável desenvolvido a partir de alga marinha, que tem a capacidade de substituir o plástico. A alga marinha não apenas representa uma ótima matéria-prima sob a perspectiva econômica, mas também por sua capacidade de absorver dióxido de carbono e poluentes marinhos, como fertilizantes. Há uma brasileira na equipe de cofundadores do projeto.



# PROJETOS E STARTUPS MAIS INOVADORES DO ANO

## 11 – Urban Experience

### **SUSTAINABLE 3D-PRINTED HOMES BY AZURE (Estados Unidos)**

Casas modulares impressas por robôs utilizando plástico descartado e sem desperdício na impressão, em um processo 70% mais rápido do que outras técnicas de construção. Em primeiro lugar, você escolhe e customiza o modelo de sua casa na plataforma da empresa. Em seguida, a casa é impressa por robôs com materiais reciclados. Por fim, recursos elétricos e hidráulicos são instalados e sua casa é entregue.

## 12 – WTF (What the Future)

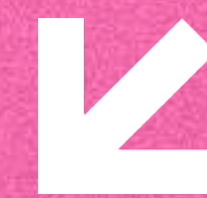
### **SWEAR SECURITY**

O desafio aqui é garantir a integridade dos vídeos utilizando tecnologia de ponta, para que as pessoas possam confiar no que estão assistindo. Para tanto, a empresa utiliza autenticação em tempo real de mídias digitais, *frame a frame*. Assim, combate a manipulação de conteúdo, promovendo mais transparência e honestidade.

# REFLEXÕES E PROVOCAÇÕES



5 PERGUNTAS



ESSENCIAIS PARA

SE FAZER APÓS

O FESTIVAL



# 01

## COMO MANTER A IMAGINAÇÃO, A CRIATIVIDADE E A ESPERANÇA EM UM MUNDO EM EBULIÇÃO?

Esse foi o tom da pergunta aberta de um participante da sessão que reuniu Michelle Obama, Craig Robinson e a dra. Laurie Santos, cientista e apresentadora do podcast *The Happiness Lab* – questionamento feito por um, mas representando a angústia de milhares que passaram por Austin durante o SXSW. A resposta que ecoou da disputada sessão com a ex-primeira-dama dos EUA e de outros tantos painéis passa por uma palavra: **comunidade**. A conexão social com outras pessoas, os laços familiares e com amigos, as relações olho no olho, o cuidado, o diálogo e o amor foram apontados, de forma unânime, como as melhores ferramentas para o mar revolto nos campos político, tecnológico, econômico e social do mundo de hoje. Manter a imaginação, a criatividade e o senso crítico em alerta depende muito da nossa saúde social, como destacou a autora e pesquisadora Kasley Killam.

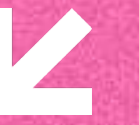




# 02

## POR QUE O FESTIVAL IGNORA A CHINA?

É gritante a ausência de sessões com representantes do mercado chinês na agenda do SXSW. A China é protagonista mundial em muitas das agendas que formam os pilares da inovação contemporânea: inteligência artificial; clima e energia; varejo e *social commerce*; cidades e mobilidade; indústria farmacêutica; esporte; *games*... – e poderíamos citar outros tantos campos. Ainda assim, já faz alguns anos que a curadoria do *South by* parece ignorar deliberadamente a potência do mercado chinês e as experiências que poderiam subir ao palco para inspirar e impressionar a audiência. Seja por conta da disputa geopolítica que se estabelece entre a gigante asiática e os EUA, seja por alinhamento do grupo de controladores do festival, o SXSW precisa resolver esse gargalo se quiser manter o carimbo de maior festival de inovação do mundo.



# 03

## ESTAMOS OLHANDO PARA O LADO CERTO?

Brasileiros representam a maior delegação estrangeira no SXSW. A organização fala em mais de 2.300 participantes na edição deste ano. Em maior número, só os estadunidenses, donos da casa. Sem dúvida, o *South by* é um importante palco de conversas e conexões sobre inovação. Mas não deve ser a única régua. É preciso considerar contextos culturais e regionais. Observar *in loco* as demandas das ruas e das pessoas em diferentes regiões do Brasil. Principalmente: é preciso conectar movimentos e discussões que emergem deste e de outros festivais com o que, de fato, move seus consumidores no Brasil.



04

# ESTAMOS APROVEITANDO O FESTIVAL DA MELHOR MANEIRA?

Um dos maiores ativos do SXSW são as conexões que ele promove, especialmente com quem você não conhece. As conversas aleatórias nas filas das palestras e nos bares de Austin são tão ou mais potentes do que o próprio conteúdo do festival em si. Aqui na GoAd, costumamos dizer que “o melhor do SXSW é se perder, entrar na sala errada, conversar com pessoas com diferentes perspectivas e referências – aquelas que você só encontraria lá”. Por isso, ir para os mesmos lugares com as mesmas pessoas ao longo de todo o evento pode ser confortável e divertido, mas, certamente, é importante ter no radar que há outros espaços e bolhas para se furar em Austin – e que podem fazer o seu SXSW muito mais rico. A percepção final sobre o evento é diretamente proporcional à jornada individual que cada um faz por lá.



# 05

## COMO APLICAR

## OS APRENDIZADOS DO SXSW

## NA MINHA EMPRESA?

Muitas das pautas discutidas em Austin são reflexões sobre um mundo que está em acelerada transformação. Por isso, nem sempre haverá aplicação de tudo o que foi discutido no evento. No entanto, esses mesmos pensamentos e desconfortos gerados pelo festival são essenciais para a construção de futuros regenerativos, pois podem influenciar decisões em camadas sociais, corporativas e políticas. Por isso, acreditamos que dividir essas questões com os times internos, contando como foi a sua jornada em Austin ou até mesmo contratando um *download in company*, pode ser um excelente começo para amplificar aprendizados, *cases*, referências e, a partir disso, empoderar agentes de reflexão e mudanças.

QUER LEVAR A PALESTRA  
**SXSW INSIGHTS 2025**  
PARA SUA EMPRESA?

FALE COM A GENTE:  
**MARIAH@GOADMEDIA.COM.BR**

EDITOR E *HEAD* DE *INSIGHTS*

**JOSÉ SAAD NETO**

CURADORES – *SXSW INSIGHTS 2025*

**CHRISTIAN MIGUEL, DANIELA DE LACERDA,  
EDNEY “INTERNEY” SOUZA, FABRÍCIO VITORINO,  
JACQUELINE LAFLOUFA E VIVIAN ZARAGOTHA**

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

**OUVE ESTUDYO**

REVISÃO

**SIMONE OLIVEIRA**

*HEAD* COMERCIAL E FINANCEIRO

**MARIÁH CRUZ**

PROJETOS ESPECIAIS – LATAM


**LUCÍA RODRIGUEZ**

PROJETOS ESPECIAIS – BRASIL

**BEATRIZ BALGART**

IMAGENS

**SXSW/GETTY IMAGES E ISTOCK**



# SXSW INSIGHTS 2025

CURADORIA & CONTEÚDO

**GoAd**  
MEDIA

OFERECIMENTO

 **uol**